

***Cuba:  
Identidades e Sobrevida***



***Patrícia Santangelo Cassi***

***Cuba:  
Identidades e Sobrevida***

**Trabalho de Graduação Interdisciplinar dos alunos do 8º Semestre do  
Curso de Comunicação Social  
Habilitação: Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da  
Universidade Presbiteriana Mackenzie**

**CHANCELER**

**Augustus Nicodemus Gomes Lopes**

**REITOR**

**Manassés Claudino Fonteles**

**VICE-REITOR**

**Pedro Ronzelli Júnior**

**DIRETORA DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**

**Esmeralda Rizzo**

**COORDENADOR DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO: JORNALISMO**

**Vanderlei Dias de Souza**

**COORDENADORA DO TGI - CCL**

**Vanessa Molina**

**RESPONSÁVEL PELO TGI – CURSO DE JORNALISMO**

**André Santoro**

**ORIENTADOR**

**André Santoro**

**PROFESSORES DE TGI**

**Fábia Angélica Dejavite e Ângela Schaun**

*Tenho saudades de um país que ainda não existe no mapa.*

Eduardo Galeano



<i>1. Primeira parada, outras impressões</i>	9
<i>2. O novo parque do desencanto</i>	19
<i>3. Carona às avessas</i>	31
<i>4. Serpentes intermináveis</i>	39
<i>5. Em Pinar del Río, fila pra mais de quinze anos</i>	45
<i>6. Cubanos e o contato com o outro que se faz vital</i>	51
<i>7. A mulher e a Cuba dos detalhes</i>	59
<i>8. O encanto de um beco</i>	71
<i>9. A festança de Rosa</i>	81
<i>10. “Aqui somos mais felizes”</i>	89
<i>11. “Nem tu o entendes, nem eu, tampouco”</i>	99



Aeroporto de Guarulhos, São Paulo, cinco e meia da manhã. Vôo 758 da Copa Airlines. Destino: Havana, com conexão no Panamá. No trajeto, faço a leitura já iniciada da mais recente biografia de Fidel Castro, escrita pelo jornalista francês Ignácio Ramonet. Ninguém ao meu lado.

Quando a viagem era apenas uma preparação, procurava as companhias aéreas com vôos para Havana. Descobri que apenas duas o faziam. Uma delas era a tradicional Cubana de Aviación. A outra, mais recente, pertencia a uma companhia do Panamá e se chamava Copa Airlines. A fim de empreender uma viagem em que desde o início eu pudesse entender algum aspecto da vida em Cuba, optei pela primeira opção. O plano era absorver tudo sobre a ilha, pequena em território, porém de alcance mundial.

Desanimada, esperei em vão, mas não por muito tempo, a ligação de um dos funcionários da Cubana. Quando estive em seu escritório, em novembro de 2006, Pedro – só havia dois atendentes dentro de uma saleta minúscula – havia me dito que, caso escolhesse a companhia aérea de Cuba, teria de viajar com a TAM até Buenos Aires, para só então, na capital argentina, voar com a Cubana de Aviación rumo a Havana. Disse também que aguardavam a liberação de três vôos. Segundo Pedro, a espera era de responsabilidade da TAM. “Assim que liberarem qualquer um desses vôos de janeiro, você será a primeira de minha lista. Eu te ligo!”.

– Você tem algum lugar para ficar, se for preciso, em Buenos Aires?

– Tenho família lá. Mas por quê?

– Porque na ida não teremos problema, mas talvez na volta seja preciso passar uma noite em Buenos Aires.

Quando volto pra casa, lembro que havia esquecido de lhe perguntar o preço da passagem. Ligo para o número entregue por Pedro e é ele quem atende: “Em torno de mil e setecentos reais. Mas aqui, não sei se você já sabe, só trabalhamos com pagamento à vista”. Tudo isso não passava a menor segurança, mesmo porque a diferença entre esta e aquela companhia era considerável: quinhentos reais a menos pela Cubana. Picaretagem ou não, a verdade é que se tivesse ficado à espera da Cubana de Aviación, minha viagem não aconteceria.

\*\*\*

Meio-dia e meia, no Panamá: Enquanto aguardava na poltrona 19C, encostada junto à janela do avião, a aeronave decolar rumo a Havana, vejo que a poltrona ao meu lado, apesar de faltar instantes para a decolagem, vinha vazia. Já a seguinte era ocupada por Rosa, uma argentina. “Viaja sozinha?”, me pergunta, meio sem jeito. “Sim”. O que pretendia era estar ao lado de seu marido. Sentavam lado a lado, mas separados pelo corredor do avião. Não demorou muito, no entanto, para que a passageira do meio chegasse. Instantes depois, descobri que viajava ao lado de uma socióloga cubana.

No intervalo de tempo entre a pergunta de Rosa e a chegada da até então misteriosa passageira, expliquei àquela o porquê de minha viagem a Cuba. Ela e seu marido se espantaram pelo tempo que ficaria sozinha em Havana. Pensaram que eu fosse mais nova. Mas a cubana chegou e o assunto foi interrompido. Então, a nova passageira começou a conversar com a senhora ao lado, e logo percebi a euforia de Rosa em querer me apresentá-la. Ao saber com quem falava, peguei seu contato e me senti feliz da vida: o plano de me aproximar do cotidiano dos cubanos se concretizava desde o vôo! Demos início a um bate-papo sobre Cuba, claro. Eu e Mayra, a socióloga, explicávamos algumas fases da revolução a Rosa e seu marido, que mesmo do outro lado acompanhava, curioso, o desenrolar da história.

Quando ainda pensava que o único obstáculo dos cubanos, na hora de conhecer outros países, consistia na dificuldade financeira – como para maioria dos brasileiros –, comecei a imaginar, ao ver aquela cubana voltando do Brasil, por acaso, que talvez não fosse tão impossível assim. O pensamento era o seguinte: “Ganham pouco, a moeda é fraca, mas como os cubanos têm saúde e educação gratuitas, além da ‘cesta básica mensal’ garantida pela famosa libreta, devem conseguir juntar um dinheiro para viajar, por exemplo”.

\*\*\*

Aeroporto José Martí, Havana, duas e quarenta e cinco da tarde. Assim que passo pelo rápido processo burocrático da alfândega e pego minhas malas, localizo Edília e seu ex-marido diante do portão de desembarque. Para facilitar nosso encontro, ela segurava uma folha de papel branca com seu nome escrito em vermelho.

Edília. Minha primeira fonte cubana. Consegui seu contato com uma professora que havia estado em Cuba por duas vezes e lá conheceu uma de minhas anfitriãs. Por saber da existência de duas “Cubas” dentro da mesma ilha – aquela aproveitada por turistas e a vivida pelos cubanos –, fiz questão de espalhar a todos minha intenção em não percorrer o circuito turístico. Ou, pelo menos, não depender dele para estar em solo cubano. Era algo de que eu não abria mão.

Por muito pouco – uma lembrança na hora certa, um telefone por perto e a disponibilidade alheia – não fiz reserva em hotel. Assim que vi o preço das passagens com a Copa, uma amiga que também ia a Cuba na mesma época me desesperou ao dizer que só liberam o visto cubano para quem se hospeda em hotel. Caso contrário, visto negado. Eu pensava que isso era de uma esperteza e tanto do “comandante *en Jefe*” Fidel Castro. Já que os capitalistas querem passear em Cuba, devia pensar o comandante, que venham para gastar! Não para economizar, em casa de cubano, e estimular hábitos consumistas aos habitantes da ilha. No mesmo instante, perguntei a minha amiga o preço de sua viagem, incluindo as noites em hotel. A resposta não poderia ser mais desalentadora: quatro mil reais, o dobro do que eu imaginava e dispunha.

Na mesma hora a idéia era desistir, não poderia apostar tanto assim. E, afinal, só queria escrever sobre o cotidiano dos moradores da ilha. Nada de envenená-los com possíveis vícios capitalistas. Foi quando tive a idéia de ligar para o jornalista que havia conhecido há pouco e sabia que tinha estado em Havana, meses antes, hospedado em casas de família. Ele me confortou ao explicar todo o processo “ilegal” que percorreu para conseguir o visto sem a necessidade de se hospedar em hotel. Primeiro passo: fazer reserva pelo site de algum hotel de Havana. Segundo: imprimir o papel da reserva e levar ao consulado para garantir o visto. “Fique tranqüila porque nenhum desses estabelecimentos em Cuba pede um adiantamento como garantia da reserva. Quando você chegar ao aeroporto José Martí, simplesmente não apareça no hotel. Eles cancelarão a reserva automaticamente e seu visto já estará em mãos”. Comprei a passagem por intermédio de uma agência de viagens que fez todo esse trâmite com o consulado cubano. Ao receber meu visto, percebo que ao lado do item “hospedagem” estava escrito “Hotel Vedado”. Passagem liberada! Apenas tive de torcer para receber um olhar de aprovação do funcionário da alfândega.

\*\*\*

A primeira impressão que tive ao chegar ao bairro *Cerro* de Havana foi a de estar num lugar antigo. Desolado. Casas rústicas, baixas, pequenas e desgastadas pela ação do tempo. O asfalto deixa à mostra suas entranhas. Há buracos gigantescos de tamanhos e formatos variados. Vejo remendos disformes: um tapete de pedregulho. Fendas corroem a rua em toda sua extensão e alcançam profundidades inimagináveis. Terra. Lixo por toda parte: copos de plástico, papel, sacola plástica, papel amassado, bituca de cigarro, cocô de cachorro e de cavalo.

Edília diz que o problema desses bairros mais pobres, como é o caso do seu, é que já estão muito castigados. As ruas já não mais suportam a movimentação constante de tantos carros, motos, ônibus e caminhões sobre sua esteira de concreto. "Uma hora o asfalto não agüenta. E aí, o governo só arruma quando não se tem mais jeito", julgava. E reclamava que muitos quebram, destroem os parques, bancos para se sentar, tiram as rodas do lixo para construir carrinhos de mão e levar suas compras. "O problema é que o pessoal não coopera, entende?". Ao chegarmos perto de sua casa, no entanto, Edília mexe em sua bolsa à procura da chave e, a cada novo passo, um papel lançado ao chão. Papéis que não mais lhe serviam e ficavam para trás. Ao mesmo tempo deliberava:

– Muitos jovens fazem isso. São delinqüentes, entende?

E, afinal:

– '*Nadie quiere a nadie*' – desabafa, citando o trecho de uma canção dos Van-Van, grupo de músicos cubanos.

– Díficil ver alguém que queira um compromisso sério.

Conta também que nas zonas mais devastadas há algumas casas "Como esta!", e aponta para um barraco como os vistos em favelas – construído de latão e madeira, no caso – de pessoas que migraram do campo e quiseram ganhar a vida em Havana. Como não têm o bastante para a construção de um lar seguro e decente, constroem como podem. Comenta que um pacote de cimento custa em torno de 100 pesos cubanos. "Por isso fazem de qualquer jeito, porque não têm dinheiro para tanto", conclui. Logo depois, pondera:

– Mas estas pessoas têm acesso à educação e à saúde. Tudo de graça.

E, como exemplo, falou sobre o implante de seus dentes, que lhe custou vinte pesos cubanos:

– Ficou igual a se eu fizesse ‘por la libre’, mas assim me custaria muito mais. Em divisa.

O processo demorou dois anos, enquanto poderia obter o resultado no mesmo dia, caso pagasse ao médico em peso conversível.

Ainda no bairro Cerro, vi muitas casas de alvenaria edificadas sobre uma espécie de degrau de gesso acima da calçada. Esta, de ponta a ponta, era assimétrica. Para se chegar ao apartamento de Edília havia uma portinha de madeira gasta. Lascada de cima a baixo, tinha um aspecto muito frágil, porém era dura de abrir. Às vezes, emperrava. Assim que a porta é aberta, estamos entregues à mais completa escuridão. A lâmpada que ainda existe já não funciona mais e o espaço é apertado. À direita, uma estreita escada nos conduz ao apartamento. Todos os degraus estão desbotados e rachados. Quase não se percebe a cor da tinta, que, no entanto, resiste em algumas partes. Após dois pequenos blocos de escada, chegamos ao andar de Edília.

A sala bege é toda de piso frio. À direita da porta, uma geladeira branca das antigas e, quase em frente a ela, uma mesa redonda com tampa de vidro e armação de ferro pintada de branco. As quatro cadeiras têm assentos cobertos por um tecido que imita o couro, pintado de vermelho. Ao lado da geladeira e atrás da mesa, um móvel de madeira é adornado por estátuas de porcelana e por um vaso com flores artificiais. Ao lado esquerdo da entrada, um sofá de três assentos revestidos com imitação de couro preto tem armação de madeira. O encosto é feito por uma espécie de palha entrelaçada e reluzente pelo verniz. Ao lado direito de quem senta sobre o sofá, há uma cadeira de balanço. Em frente a esta, na parede oposta, outra cadeira de balanço e, ao lado desta última, uma poltrona. Todas formam conjunto com o sofá, pois têm os mesmos materiais e tecidos. Ao lado da poltrona, uma mesa de canto sustenta a televisão de 14 polegadas. Atrás do aparelho, uma janela. Ao lado dela, uma porta dá passagem para uma pequena sacada. A paisagem: ruínas.

No quarto onde fiquei havia uma cama de casal coberta por uma colcha muito fina e gasta, de cor bordô. Toda a colcha tinha listras estreitas de franjas horizontais em alto relevo. De um dos lados da cama havia uma cômoda de madeira escura encostada na parede e, ao lado desta, um suporte de ferro pintado de branco. Penso que um dia este objeto fez parte de uma mesa. Mas agora faltava o tampão de cima e, em seu lugar, havia um cobertor rosa-claro bem velho e cheio de bolinhas, que denunciam a idade do tecido. Do

outro lado da cama, dois criados-mudos de madeira escura. Acima da cabeceira, uma janela de madeira pintada de branco, que já aparentava, pelo passar dos anos, um tom amarelado. Ao lado desta, um aparelho de ar condicionado impregnado de pó.

Nas três noites passadas neste quarto, foram frequentes minhas crises de bronquite. Por sorte e insistência de minha mãe, levei remédio para falta de ar. Na parede oposta à da janela, um armário parece ter perdido parte de sua estrutura original, pois suas quatro divisões não chegam a alcançar o meio da parede e uma divisória de madeira, acima deste bloco de portas, lembra o aparato que dividia a parte de cima e a de baixo de um mesmo armário. Pendurado na parede ao lado deste móvel, um certificado emoldurado. O título é de trabalhador social<sup>1</sup> e pertence a Camilo, filho de Edília.

Ao sairmos de sua casa, Edília me conta que Salvador foi seu primeiro marido, mas se divorciaram porque ele bebia demais. Depois, casou-se por mais duas vezes. Também não deu certo. Vive sozinha há quinze anos, mas garante que assim está bem. Livre. Agora, quem a sustenta é seu filho, com 100 pesos cubanos e Salvador, que lhe paga com o salário obtido de seus trabalhos como pedreiro. Sempre que ele recebe esses chamados – na capital – fica na casa de sua ex-mulher. Após a separação, Salvador voltou a viver no lar que pertence à sua família, em *Pinar del Río*.

Edília nunca fez faculdade, terminou os estudos do colégio e trabalhou como datilógrafa para uma empresa de transportes públicos. Explica que, quando deixou a firma, começaram a trocar as antigas máquinas de escrever pelos computadores e agora tudo é computadorizado. Quem ganhava 148 pesos cubanos, como datilógrafa, e continuou a trabalhar com o novo instrumento, passou a ganhar 250 em moeda nacional. Mas Edília reclama:

– O que vive sendo dez dólares. Dez conversíveis, entende? Quer dizer que se trabalha um mês, para dez dólares. Demasiado pouco.

---

<sup>1</sup> No ano 2000, Fidel Castro lançou o Programa *Batalha de Idéias*, no qual teve início, dentre inúmeras ações, a construção de mais hospitais, escolas e da criação do curso de trabalhadores sociais – a fim de dar assistência aos mais necessitados e ajudar a manter as conquistas da revolução.

Era apenas meu primeiro dia em Cuba e certas complicações ainda não conseguia compreender. Então, lhe pergunto:

– Mas não é em peso cubano que vocês gastam?

– Sim, pela libreta tudo é barato. Mas isso, a mim, não basta. Porque, por exemplo, meu filho é homem e não vai comer um pão. Tenho que comprar mais pães.

– Soube que aqui não há muita diferença entre os salários. É verdade?

– Bom, tem gente que pode chegar a ganhar 600, 800 pesos cubanos.

– Quem ganha isso?

– Os que varrem as ruas: garis. Porque ninguém quer fazê-lo. Imagino que até 800 pesos ganham.

– 800 pesos?

– Arrã. Os que varrem e recolhem o lixo também. Ganham muito, muito dinheiro. Mas é um trabalho que não querem fazer. Eles têm que vir e recolher tudo isso! Olhe como está!

– Por que o lixo fica assim?

– Porque ninguém cuida. O que não cabe no cesto, jogam fora.

No mesmo bairro fica a casa de sua irmã. Mais espaçosa e melhor conservada, tanto por dentro, quanto por fora. Ela dá aulas particulares de inglês, um filho vive na Alemanha e a filha trabalha como bailarina de dança contemporânea. Os bailarinos cubanos, quando se apresentam em turnê fora do país, independentemente do lugar onde estejam, ganham trinta euros diários. O valor corresponde ao possível gasto que possam ter com alimentação. Sendo que o café-da-manhã sempre está incluso no hotel onde a companhia se hospeda. O salário fixo, os profissionais recebem em moeda nacional – o equivalente a dez pesos conversíveis. Das apresentações internacionais, porém, os artistas obtêm o real sustento em Cuba, já que a maior parte dos gastos custa em pesos conversíveis ou o equivalente em moeda nacional, e não em pesos cubanos, como o salário oficial faz crer. É como se o salário oficial representasse algo simbólico e a ajuda de custo o verdadeiro montante.

Minha última parada foi conhecer parte da principal avenida de Havana. O mar da baía é o primeiro a despertar minha atenção. Olhei e foi como se todos os estragos apresentados momentos antes desaparecessem. Entre a avenida e a baía de Havana, uma muralha, não muito alta, se estende por todo o Malecón – um calçadão à beira-

mar. Algumas rochas fazem as vezes da areia, enquanto o mar, em seus dias de fúria, bate contra a muralha e invade a avenida. Edília aponta para a fortaleza El Morro Cabaña – localizada em uma das extremidades do Malecón – e conta que foi edificada no período colonial para a proteção da ilha. Na época, eram constantes as invasões de navios piratas, que adentravam a baía de Havana. Assim como esta, mais uma – localizada na outra ponta da avenida – serviu para a proteção dos interesses da coroa espanhola na ilha. No calçadão e sobre a muralha há grupos de amigos, casais de namorados e famílias. Todos se distraem.

Voltamos à casa de Edília. Salvador terminava de cozinhar. Mostrou o arroz e o feijão com frango que havia feito. Era um feijão meio amarelado, que os cubanos chamam de chícharo. Em outra panela, preparava o óleo para fritar bananas – um típico prato cubano. Ao perceber minha curiosidade, Salvador começa:

– Venha cá que vou lhe ensinar. Primeiro você corta assim.

E cortava como falava: de modo bruto. Gritava para me ensinar e eu me divertia, ria com Salvador, com seu modo espontâneo, seu jeito sério e, ao mesmo tempo, sempre muito carinhoso.

– Depois você coloca para fritar.

E jogava, de qualquer jeito, as fatias de banana numa pequena frigideira para em seguida tirá-las.

– Aí você faz assim.

E com o punho fechado dava murros na banana para amassá-la. Depois, voltava a fritar. O acendedor das bocas de fogão da casa de Edília era uma curiosa engenhoca. De uma lâmpada embutida na parede saía um cordão em espiral e de ferro que trazia em sua ponta um espeto fino e bem afiado. Cada vez que necessitam de fogo, precisam esfregar aquele objeto pontiagudo em uma das bocas do fogão, produzindo, assim, um estalo.

Após a janta, voltei a sentar-me à mesa com o intuito de apoiar meu caderno e escrever as impressões do primeiro dia. No mesmo instante, Salvador me pergunta:

– O que tanto escreve?

Edília tampouco consegue disfarçar sua curiosidade. Explico a eles que precisava anotar tudo o que havia conhecido nesse primeiro dia: fazer uma espécie de diário. Os dois saíram do sofá para sentar perto de mim. Um de cada lado. Enquanto caminhavam em minha direção, eu, admirada, acompanhava com o olhar. Estava

surpreendida com a curiosidade deles e com o empenho em me ajudar na coleta de informações. Salvador foi logo pedindo:

– Vai dizer como foi bem recebida, como nós somos aqui, que te sentes em casa?

E eu lhe disse que sim, comentei o tipo de trabalho que pretendia fazer, o que saía na grande imprensa brasileira sobre Cuba, que o conteúdo veiculado era superficial e, por isso, não nos deixava conhecer mais a fundo a vida dos cubanos, na atualidade. Expliquei a ele que não estava em Cuba a passeio, que precisava reportar o cotidiano na ilha, passados 48 anos de revolução. Ao que Salvador respondeu:

– Sim, tens que saber apartar o que esta mídia diz. As coisas que dizem querendo trair a revolução, para vos enganar, como tacham o que é bom em mal, convertem as coisas. Então, você deve colocar o que você viu, que a verdade não é como eles dizem, que a mídia diz uma coisa, mas que por sua experiência dirá como é Cuba realmente.

Salvador ainda me aconselhou, dizendo que devia trabalhar muito para não mentir. E acrescentou, repetindo o que eu já havia dito:

– Você não veio aqui só para conhecer, a passeio, veio para estudar e por isso não pode acordar tarde, precisa trabalhar.

Dirigindo-se a Edília, pediu:

– Viu? A menina não pode acordar tarde, amanhã!

Mas Edília já havia deixado nossa conversa.

Salvador foi soldado das Forças Armadas desde os 10 anos e acredita que o que conhece sobre a política da América Latina se deve muito à sua experiência na caserna. Além do seu interesse pelos noticiários de TV, do rádio e dos jornais. Falou, com entusiasmo, sobre o imperialismo norte-americano e seus danos. Elogia Fidel, Chávez, Morales, Corrêa do Equador e Ortega da Nicarágua. Fala de forma mais comedida sobre Lula, diz que ele aos poucos vai mudar o Brasil, como Fidel fez com Cuba, mas ainda diz que, assim como Fidel, e como faz Chávez, no momento, ele deve mudar logo, não pode falar e não fazer, ou demorar, deve ter pulso firme.

– Porque Chávez tem 49 anos e veja o que já fez.

Lembra do processo que vem acontecendo com a América Latina: “Caminhando para a esquerda”, já que também o Haiti e a República Dominicana têm novos presidentes que dão sinais de políticas de esquerda. Sobre a possibilidade de Hillary Clinton ser a nova presidente dos EUA, acredita:

– Tá vendo? Tudo caminha para a América Latina se unir e não haver mais exploração por parte dos EUA.

Salvador ainda ressalta que verei como o Mercosul trará mudanças positivas para os países filiados. E que o Lula irá se reeleger quantas vezes for preciso, para que estas boas mudanças se mantenham. Assim como fez Fidel e segue o exemplo Chávez.

– A América Latina toda tem que construir sua união dentro de um organismo. Porque os Estados Unidos têm a ONU, a OTAN, o BID, então aqui precisamos nos unir para que assim também sejamos fortes. Isso se chama internacionalização.

Salvador tem um modo bruto de defender suas idéias. Fala muito alto, é expressivo e gesticulador; por vezes, chega a parecer rude. Anos de fumo devem ter castigado suas cordas vocais, pois sua voz parece sempre rouca. Edília dizia, enquanto ele falava comigo:

– Fale baixo! Baixinho, Salvador!

Não sei ao certo como entramos no assunto "preconceito em Cuba", mas lembro ter ouvido as seguintes palavras de Salvador:

– Imagine você, uma branca, se me apresentasse um namorado negro. Não tem nada que ver!

E continua:

– Eles querem a comodidade, por isso muitos vão para o esporte, para ficar viajando a outros países. Não querem batalhar primeiro para conquistar um bom cargo depois. Não aceitam ser pedreiros e depois ascender. Querem logo o topo. Enquanto eles gostam de esportes, nós queremos ser engenheiros, médicos. Mas aqui não há discriminação, eles podem ocupar todos os cargos. Como as mulheres.

Com a mulher, Salvador esclarece que ocorreu o mesmo: sofria preconceitos e, depois da revolução, trataram de inseri-la no mercado de trabalho. Ganhou mais respeito do homem e pode ser vista em todos os cargos.

– E nós temos de ajudá-las. Quando chegam a casa, estamos cozinhando. Não temos mais o machismo que ainda existe em outros países, onde as mulheres são submissas ao homem.

*O novo parque do desencanto*

Edília acorda e de imediato liga o rádio. Ouve o noticiário, enquanto prepara o café puro. Abre a geladeira para guardar uma garrafa de água, mas não há quase nada em seu interior: um pote que guarda o feijão preparado por Salvador, na noite passada, outro para o resto do arroz, ovos e mais garrafas.

Partimos para as ruas e, no meio do caminho, Edília se lembra de um pedido meu. Ela aponta para um pequeno prédio e arrisca:

– Não queria conhecer uma escola? Olhe aí. Pode entrar.

De repente, apareço à porta de uma das salas do nível primário. A professora percebe e as crianças, entre cinco e seis anos, começam a reparar. Sem hesitar, dirigindo-se aos alunos, logo pergunta:

– Como fazem quando recebem uma visita em sala de aula?

Todos se levantam e põem as mãos pequeninas para trás.

Segundos depois, recebo uma acalorada e cativante saudação:

– Bem-vindaaaa!

Como quem esperasse por mais, a mestra não esconde seu desagrado:

– Só isso?

A resposta, um poema do grande herói da independência José Martí, vem em coro:

*Cultivo una rosa blanca  
en junio como enero  
para el amigo sincero  
que me da su mano franca.  
Y para el cruel que me arranca  
el corazón con que vivo,  
cardo ni ortiga cultivo;  
cultivo la rosa blanca.*

Ainda meio surpresa, peço licença e começo a conversar com a professora. Conto a ela sobre meu trabalho em Cuba e sobre um documentário que tinha visto, recentemente. Neste, três crianças apresentavam um trabalho escolar, em que o tema era a comparação entre a vida dos pequenos antes de Fidel – sob domínio norte-americano – e a vida daqueles sob o comando de um governo

revolucionário. Não precisei dizer mais nada. A professora apenas pediu para que eu prestasse atenção. O clima era de chamada oral:

– De quem estávamos falando, anteriormente? Sobre qual governo estávamos falando?

Todos querem responder ao mesmo tempo:

– Dos Estados Unidos!

– E do México!

– Dos norte-americanos!

O interrogatório, então, continua:

– E o que fazem os EUA?

De novo, a disputa para ver quem acerta primeiro:

– É mau! – fala o mais apressado.

– Quando querem dar a medicina de outros países, eles não os deixam– diz, em seu tempo, outra aluna.

Após cada pergunta, seguia a competição para ver quem levantava primeiro a mão. Mas não bastava erguer os braços, era preciso chacoalhá-los, como quem não consegue conter o que sabe até que a professora libere o aluno para se expressar.

– Quem não deixa?

– Bush

– E o que fazem os americanos?

Em meio à gritaria, algumas frases se repetiam:

– São maus!

– Abusam da gente!

– Enganam as crianças!

– Torturam a gente!

– Tomam dinheiro para se fazerem milionários. E as crianças quando vão às escolas dos EUA têm de pagar – gritou o garotinho apressado que, na tensão da disputa, amassava o caderninho e o lançava de uma mão para outra, enquanto participava.

– O que mais?

– Pegam os presos e matam!

– E o que têm contra Cuba?

– Bloqueio.

– E por que o bloqueio?

– Por querer destruí-la, tirar o dinheiro para se fazerem milionários.

Até o momento, havia ligado uma pequena câmera fotográfica que também funciona para gravar alguns vídeos. Assim que desligo, a professora continua:

– Mas e os norte-americanos, eles são maus?

A resposta prontamente proferida, depois de tanto associarem a palavra EUA com coisas ruins, não poderia ser outra:

– Siiiiim!

– Não! – corrige a professora, inconformada com a escorregada de seus pequenos alunos.

– Nãããão! – repetem todos.

– É o governo dos EUA que é mau, o povo não – finaliza, para mostrar que dá o exemplo. Pelo menos para a visita estrangeira.

Ao sair da classe me deparo com alguma funcionária da administração. Ela me explica que as pessoas interessadas nesse tipo de visita devem, antes, agendá-la. O aviso chegou tarde demais.

Edília me esperava do lado de fora. Enquanto caminhamos em direção ao *Bocoy*, uma fábrica do famoso rum *Habana Club*, pergunto a ela:

– Gosta de fruta?

– Sim, como não? É muito importante.

– Que fruta come mais?

– A mim, me encanta o mamão. A papaia.

Pela libreta, a caderneta de produtos racionados que toda família cubana tem, Edília diz que não vêm frutas. Conta, ainda, que o pão subsidiado pelo Estado é distribuído para cada pessoa da casa diariamente: como vive com seu filho, tem direito a comprar dois pãezinhos. Este pão racionado é redondo e pequeno. Cada unidade custa cinco centavos de pesos cubanos.

– Depois, se quer comprar mais, compra um grande assim, que vale dez pesos e é liberado – fala, com a ajuda dos gestos. Este outro parece um pão de fôrma, mas tem a casca dura e o aspecto e o gosto de pão amanhecido.

Ainda quando andávamos pelas redondezas de seu bairro, Edília dizia:

– Esta é a pior parte deste bairro, entende?

Olho à minha volta e tenho a impressão de que um ciclone passou por essas casas e ruas há não muito tempo. No verão, dizem que é muito comum a passagem desses desastres naturais. Porém, também é freqüente a paisagem devastada de quase toda Havana. Em cima da porta de uma casa, uma placa chama minha atenção. Penso que deve ser um CDR. O famoso comitê de defesa da revolução criado logo após o triunfo revolucionário. Para ter a certeza, pergunto:

– Mas aqui é um CDR?

– Não.

– Tem reunião no CDR?  
– Claro.  
– E o que conversam nesses encontros?  
– Aí se planeja qualquer coisa. Como varrer a rua, num domingo. Qualquer problema se diz na reunião. Mas, bem, ultimamente fazem a reunião do comitê uma vez ao ano.  
– Uma vez ao ano?  
– Sim. Anos atrás eram todos os meses, mas as pessoas estão mais adaptadas ao sistema, entende? Ao menos uma vez ao ano. Outra vez te dizem, por exemplo, para ir à Praça da Revolução em primeiro de maio. E quem quer, vai. Ou em 26 de julho, quando também tem a reunião na praça.  
– Ah! Onde ocorriam os discursos de Fidel?  
– Sim, agora, em 26 de julho, não se há feito mais nada.  
– E sobre consertar as ruas, não conversam?  
– Ah! Isto está terrível! Terrível! Viste como estão as ruas do Cerro?  
– Então, e os CDR's?  
– Eles não podem, não têm dinheiro, não podem fazer nada. Isso tem que ser o Estado. O comitê é para defender a revolução, nada mais que defesa da revolução. Há um presidente e há organizadores, em cada quadra.  
Pelo caminho, encontramos um conhecido de Edília que vendia *chicharritos* (um salgadinho caseiro, que vem embrulhado em um cone de papel).  
– Ele mesmo o faz: compra pasta alimentícia, põe para secar ao sol e se fazem durinhas. Crocantes – esclarece Edília.  
– E ele não pode vender assim?  
– Não se pode. Está proibido porque não tem licença.  
– Ah! Não paga nada ao Estado, é isso?  
– Isso. Este homem faz anos vive ali perto de casa. Ainda que pareça forte, tem problema de fígado. Conseguiu se aposentar por isso. Tem 39 ou 40 anos, sendo que os homens se aposentam com 60 e as mulheres com 55. Como recebe apenas 164 pesos cubanos de aposentadoria, complementa seu dinheiro vendendo *chicharrito*. E assim é como leva a vida nestes tempos.  
Ao chegarmos ao *Bocoy*, Edília prefere, novamente, me esperar do lado de fora. Logo na entrada, sobre um dos degraus, há um senhor de pé, parado, com um charuto entre os dedos. Todo vestido de branco, era muito magro e levava um chapéu – igualmente branco – sobre a cabeça. Sempre a sorrir, posava para os que não

apresentavam os mesmos traços de seus conterrâneos. Assim, como um cubano caricato, alcançava o sustento diário. Labutava por uns trocados em peso conversível, é claro.

Preparo a máquina para bater uma foto do simpático senhor, mas minha anfitriã alerta:

– Cuidado! Se tirar, deve pagar, dar algum presentinho.

Antes de ter sua imagem congelada pela foto, ele pára e não trabalha com a espontaneidade. O negócio é variar entre as diversas poses que um cubano pode fazer ao fumar um puro. Antecipa, desse modo, o trabalho da câmera: a pose precede o clique. Ele está – temporariamente – paralisado.

Um casarão rústico abriga a fábrica de rum. No andar térreo fica toda a produção do líquido e o processo de embalagem do produto. A etapa final – de armazenamento e embalagem – é uma produção em série. Uma grande máquina dá trabalho para seis pessoas. Estas se dividem em dois grupos: duas em um e quatro em outro. O primeiro cuida para que a garrafa seja colocada no início do aparelho, com o intuito de fazer o líquido cair no lugar correto. Depois, a esteira leva as garrafas já cheias ao encontro do outro grupo que, por sua vez, deve fixar os adesivos nos vidros e separá-los para os estabelecimentos comerciais. Imagino os funcionários, ao fim do dia, com os tiques de *Charlie Chaplin* em *Tempos Modernos*.

Os dois andares da fábrica impregnam-se de um odor forte de rum. Em cima, um bar instalado para os turistas provarem vários tipos da bebida e, assim, terem maior probabilidade de sair com muitas garrafas. O que provavelmente deixará as duas partes felizes: os funcionários, pela garantia da mesa mais farta, e os estrangeiros, por um estado de espírito mais leve, digamos.

Em geral, para se fazer todo o percurso dentro do *Bocoy* – conhecer o modo de preparo do rum, o depósito cheio de tonéis, a sala da embalagem e, por último, provar o resultado de todo esse processo – é preciso pagar uma série de propinas: desde o guia da excursão até os diversos guias do próprio local. É rara a visita de uma só pessoa. Penso até que me passei por italiana, sem querer. Quando visitava a parte da fábrica onde ficam os tonéis, um grupo de italianos ouvia a exposição de um funcionário e eu me juntei a eles. As visitas com excursões são muito mais comuns. O clima entre os trabalhadores é de enorme alegria e receptividade, muitos arriscam um italiano, francês ou inglês misturados ao espanhol. Em excursão, estrangeiros chegam a pagar 200 pesos conversíveis por dia a um guia. Quando o guia leva o grupo formado para determinados locais,

como o *Bocoy*, por exemplo, ele ganha comissão também do lugar. Um acordo que favorece ambas as partes.

Deixo que Edília me leve por onde ela costuma seguir. Em mais uma longa caminhada, ela discorre sobre outros detalhes da vida em Cuba. Reparo em um táxi diferente: carro antigo e cheio de passageiros. Edília explica que são os táxis destinados aos cubanos – preço cobrado em moeda nacional.

– Cobram 10 pesos cubanos por pessoa e pagam ao Estado de 300 até 500 pesos cubanos, por mês, pela licença.

Nesse tipo de táxi não se permite a entrada de estrangeiros, mas o motorista pode encher o carro de cubanos a cada viagem: três atrás e mais dois na frente. Uma volta com o carro lotado pode render ao taxista até 50 pesos cubanos. Edília comenta que a licença do mês completo, às vezes, ganham em um dia.

– Então, estes só servem aos cubanos?

– Bom, agora você monta num carro desse e fecha a boca. Porque senão te cobram mais. E só diga: Centro-Habana, por exemplo. Vedado... E pronto!

– Mas devem ser espertos, não?

– Muito espertos.

– E se a polícia vê que tem turista dentro do táxi?

– Bueno, às vezes, sim, mas isso é fatal. Uma fatalidade.

– Mas são multados?

– Sim, multados.

– Porque existem os táxis especiais para o turismo?

– Claro.

– E esses também pagam ao Estado uma licença, não?

– Não. Estes carros são do Estado. O Estado paga pelo que fazem, ou o que diz o taxímetro.

– Mas o dinheiro que recebem durante as viagens, ou...

– Isso é para o Estado.

– Tudo para o Estado?

– Para o Estado. O que passa é que muitas vezes eles... – e faz um gesto como quem pega algo escondido.

– Ah! Sim.

– E fazem seus rolos. Esse mesmo que nos trouxe ontem, seguro que embolsou, pelo menos, três dólares. Fazem seus rolos com o taxímetro. Porque cubano é muito vivo.

– Mas você pagou em divisa, ontem? Então podem trocar o peso cubano pelo conversível?

Era difícil entender a circulação das duas moedas em Cuba. Pelo menos nesses primeiros dias, ainda sob o efeito do romantismo passado pelos livros acerca do tema. A memória era a dos primeiros tempos da revolução, sem aceitar muitos defeitos atribuídos às atitudes dos líderes-heróis. Eu pensei que na divisão entre as duas “Cubas”: a que serve aos turistas e a que surge, dia a dia, aos cubanos, a moeda mais forte fizesse parte, apenas, do mundo dos que, privilegiados, rondavam pela primeira Cuba. Ledo engano.

– Sim. Eu troco o peso cubano pelo conversível quando preciso. Pra comprar mais óleo, por exemplo. Todo esse dinheiro que eu troco é para evoluir. Eu pego dinheiro por aqui e outro pouquinho por ali e, então, quando me faz falta, junto tudo e troco pelo conversível.

Essa descoberta era decepcionante. A primeira delas. E algo que fazia parte de uma cadeia de fatores. Pertencia a uma conjectura muito maior, mais real, mais cheia de vida. E de problemas. Dei início à minha maratona de dúvidas e perguntas aos cubanos. Muitas das quais permaneceriam como lacunas abertas. Incompreensíveis. Nada muito diferente, todavia, para quem não entende as inúmeras e infundáveis contradições do próprio país. Ainda que não esperasse esses contrastes em Cuba e outros até mais abomináveis, decidi mergulhar em mais uma complexa realidade e tentar encontrar o tanto de respostas necessárias, a fim de delinear a Cuba sentida por mim. Fora dos livros que eu li, antes de empreender esta viagem, e além do que pude conhecer por meio dos jornais brasileiros.

A caminho da Praça da Revolução, famosa, mundo afora, pelos longos e contagiantes discursos de Fidel, passamos diante de um pedinte velhinho. Sentado sobre um muro baixo do bairro chinês – que, na verdade, é uma ruela com restaurantes de comida chinesa dos dois lados – e com a cabeça curvada, resmungava algumas palavras. Sobre a mão esquerda estendida havia duas moedas de pesos conversíveis. Edíflia achava tudo aquilo um absurdo: as pessoas pedirem esmolas. Justificava-se dizendo que tem albergue para quem não tem casa e que, por isso, ninguém precisa ficar nas ruas se fazendo de coitado.

A Praça da Revolução tem estrutura impecável. Não vejo nela os estragos do tempo e do descuido. Lá, onde ficam as casas, onde não há ninguém importante para ser recebido. Lá, os políticos não discursam e turistas não visitam. Ou, pelo menos, não com tanta frequência. Aos que tenham algum interesse em vaguear por essas casas e estabelecer vínculos com moradores, muitas barreiras serão

erguidas. Entretanto, o perigo é avisado antecipadamente pelos próprios cubanos.

– Se policiais me virem com você e nos pararem, diga que me conhece há anos e que nada lhe ofereço.

Quem lá vive entra para estatísticas quase que ideais. No entanto, a prática vivida faz com que seus habitantes saibam que todo o resto está longe do ideal e até mesmo o que ainda é considerado excelente se legitima, sob diversos pontos de vista, na teoria.

Quando ainda estávamos nessa praça, enquanto eu tirava fotos, Edília começou a conversar com um homem sentado ao seu lado. Logo, ela grita:

– Menina! Venha cá! Ele também é jornalista.

Não lembro o nome do homem que Edília me apresentou. Tampouco o nome de sua namorada, apresentada momentos depois. Ambos eram jovens jornalistas argentinos. Conversamos um pouco e foram extremamente amáveis comigo. Com eles, descobri que também nós, turistas, podíamos trocar o CUC por MN – siglas de peso conversível e moeda nacional, respectivamente. “Será verdade?”, pensei.

– Troque. Assim, consegue economizar um pouco. Nós, às vezes, compramos esse lanche de presunto e queijo vendido pelas ruas, em moeda nacional.

Tal possibilidade seria ótima por dois motivos: teria acesso aos alimentos que os cubanos podem comprar nas ruas e ainda economizaria. Afinal, um mês com gastos em CUC “no es fácil” – seqüência de palavras dita por cubanos e ouvida durante todos os dias de minha viagem.

Troco na casa de câmbio 10 CUC e recebo 250 MN. Inacreditável a opulência de uma perto da insignificância da outra: uma cédula por milhares em troca! De repente, estava com o salário mensal de muitos cubanos em minhas mãos. E pensar que a população faz o percurso inverso! No segundo dia em Cuba, algumas manchas começam a sujar sua linda imagem.

Decidimos parar pra almoço. Ainda perto do bairro chinês, pergunto a ela se gostaria de comer em um daqueles restaurantes. Todos são adornados com símbolos chineses e funcionários vestidos a caráter tentam convencer os transeuntes de que o restaurante para o qual trabalham é o melhor. Assim que Edília aceita o convite, reparo que um dos estabelecimentos se distinguia dos demais. O primeiro sinal da diferença é a falta da riqueza de cores, tão evidente nos

outros. Há cor, mas parece a cor de lugar sem vida, ou melhor, lugar de vidas sofridas. Passa a impressão de ser um restaurante que só serve para se matar a fome. Edília me explica que esse restaurante vende em moeda nacional e a comida é a mesma que a dos outros: inspirada na culinária chinesa, mas moldada aos temperos e costumes cubanos. Optamos por comer no diferente, já que aceitavam o dinheiro que eu acabara de trocar.

Cheiro de gordura, barulho, tumulto, um lugar comum: mesas de madeira enfileiradas e azulejos brancos em todas as quatro paredes. Uma parte da cozinha fica junto das mesas, apenas separada por uma espécie de balcão. As carnes são fritas ali. Vai óleo, muito óleo. O esquema é prato feito. O preço? Diferente dos lugares que servem esse tipo de prato farto e barato, naquele o prato só era farto, porque no quesito barato ele ficou a desejar. Um prato custa cinquenta pesos cubanos, no mínimo, bebida à parte. Cinquenta em moeda nacional equivalem a exatos dois pesos conversíveis, o que pode parecer barato. Porém, lembre-se: o salário da maioria dos cubanos é pago em moeda nacional, não em conversível. Do mesmo jeito que, rapidamente, recebi um montante de dinheiro, foi também veloz o seu fim.

Em seguida, sentamos no banco de um parque. Diante de nós, mais três bancos, cada qual ocupado por senhores que dormiam no desconchego das ripas. Atrás, uma mulher, sentada na ponta, dividia o banco com outro homem que estava deitado. Ela gritava, sozinha. No entanto, às vezes, seus gritos sobravam para o homem também. Na verdade, a bronca respingava para todos que se atreviam a encará-la. Edília percebe que eu estranho tudo aquilo e diz:

– Aqui ninguém tem a necessidade de nada disso. Cada pessoa tem uma aposentadoria. Além disso, se um velho não está aposentado e não tem onde viver, pode ficar no asilo. E o Estado o apóia. Mas não, preferem estar assim, sentados no parque. Assim é como gostam.

Edília comenta que o parque em que estávamos abrigava uma antiga tenda. Em 13 de abril de 1961, em um dos primeiros atos de sabotagem do governo dos EUA contra o governo revolucionário de Cuba, a loja de departamentos *El Encanto de La Habana* foi incendiada.

– Este parque aqui é conhecido como parque dos indigentes. Todos os indigentes da capital vêm para cá. Não houve uma vez em que eu vim aqui e não tenha visto indigentes.

Segue um breve silêncio. Então, ela acrescenta:

– Mas isso era uma tenda grandíssima. Uma tenda bela, bela! Veja que essa tenda era das pessoas ricas e nada mais. Eram os únicos que vinham aqui. Porque se uma carteira, por exemplo, custasse ali três pesos, aqui valeria dez pesos. Uma mansão completa: ocupava quatro quadras.

E agora, “que casualidad” – diriam os cubanos – atende justamente aos indigentes de Havana. “Dizem que em Cuba não há mendigos. Conferir” – esta frase, escrita por mim como lembrete no caderno levado para anotações da viagem, continuava a martelar em minha cabeça. A diferença é que não mais encontrava um terreno firme que a sustentasse. Outra mancha.

– É muito caro viajar? – pergunto a Edília, querendo matar mais uma curiosidade minha.

– Agora, por exemplo, eu quero ir à Espanha. Conhecer o país. Não é fácil. Porque, primeiramente, custa muito. É muito caro. E, segundo, demora muito. É preciso esperar a “carta de invitación”, primeiro, e depois passar pela entrevista com o cônsul do país para o qual você vai.

– Como assim? Tem que conhecer algum espanhol para conhecer a Espanha?

– Ah, sim, senão não pode. Agora eu quero tirar um passaporte, por exemplo...Você para vir do Brasil a Cuba, pagou uma passagem e pronto. Não teve de ver um Cônsul, não?

– Não.

– Você não precisou de “carta de invitación”?

– Não.

– Não precisou que ninguém te recomendasse para que viesse?

– Não.

– Ah! Então!

– Mas por que tudo isso?

– O Estado cubano não permite.

Edília pára por um instante e reforça:

– Tem que ser por “carta de invitación”.

– Para qualquer lugar?

– Claro. E, ademais, tem que apoiar o Cônsul do país que convida. Ele é o responsável pela autorização do cubano que tenha sido convidado a conhecer o seu país. Já de lá pra cá não é assim, a coisa é daqui pra lá.

– Caso alguém consiga passar por todo esse processo, tem idéia do quanto custa uma passagem?

– Para o México sei que vale 300 dólares. E aos EUA creio que são 500 dólares.

– Mas não se tem passagem em peso cubano?

– Não! Isso não existe. Em moeda nacional? Não! Nem os estrangeiros aceitam. Agora, por exemplo, eu quero ir pra Argentina e mostro 500 pesos cubanos. Eles me dizem: ‘E isso, que coisa é?’ Digo: ‘Não, porque eu quero ir a..’ Eles dizem: ‘não, não, não.. saia com seus 500 pesos...’ Para ir tem que levar o verde.

Antes que eu contestasse qualquer coisa, Edília relembra e manifesta:

– Há indigentes por aqui, viste? Observe para que tu vejas.

Tudo visto e impossível de ser esquecido. A caminho do ponto de ônibus, Edília aponta para uma pizzaria e dispara:

– E tudo é em moeda... – e pára com a intenção de me testar, ao mesmo tempo em que pretendia se certificar se a brasileira havia compreendido o funcionamento inexplicável das duas moedas em circulação. Ao que eu emendo:

– Conversível.

Ela consente com a cabeça.

Às sete da noite chegamos ao ponto de ônibus, mas já passava das oito quando o transporte chegou. Nos pontos não há indicação das linhas que passam. As pessoas chegam e vão perguntando para os que lá estão: “o último para M13?”. Quando a nossa linha de ônibus chegou, os passageiros pagaram pela janela aberta do primeiro assento, onde a cobradora aparecia com metade do corpo pra fora. Ela recebia as moedas e os passageiros entravam pelos fundos. Na parte da frente não cabia mais ninguém. Quando Edília tentava subir, a porta prendeu sua mão e ela berrou. Ouvi um ruído estridente e palavras difíceis de decifrar. Fui a última a subir.

Entrei e estiquei as duas mãos em busca de alguma parte do banco para segurar. Encontrei, ao meu lado direito, o encosto do último banco. Alcancei só o primeiro degrau da escada. Estava colada à porta. Parei, assim, prensada junto a dezenas de passageiros, com a mão direita segurando o apoio ao lado e a esquerda paralisada, na frente do corpo, na posição em que buscava alcançá-lo. Havia passageiros por toda parte: ocupávamos os degraus, corredor e todos os bancos do ônibus. Não podia me mexer. Meus olhos miravam pra cima buscando Edília. No trajeto do primeiro ponto ao segundo, o que durou, certamente, poucos instantes, fiquei com medo de faltarme o ar ou da porta abrir e eu cair. Talvez por isso, o tempo demorou a passar. Segurava com toda a minha força na armação do banco e

um homem ao meu lado, grudado em mim, no mesmo degrau, me olhava preocupado.

No próximo ponto saímos todos que estávamos na porta traseira para que descesse quem tivesse de descer. Quando pensei que a coisa aliviaria, vi que desceram poucas pessoas e outras tantas desse ponto subiram. Conclusão: de novo, amassada! Só no quarto ponto, consegui subir até o corredor e no próximo já precisei sair. Foi, então, que quase me perdi de Edília. Porque como sempre descíamos e depois voltávamos a subir, pensei que ainda não fosse o ponto e não saí. Edília, lá debaixo, gritava: “Niña, niña!” E o homem negro, alto e sorridente, que todo tempo esteve ao meu lado, segurou a porta para que não fechasse e o motorista fosse embora. Então, me olhando todos e ouvindo os berros inconfundíveis de Edília, percebi que deveria descer. Passado o instante de desespero, Edília comenta que, caso eu descesse no outro ponto, seria umas 10 quadras adiante e ela teria de correr, esbaforida, como uma louca, para me alcançar.

Em casa, Salvador assistia ao noticiário. Meus pés e corpo estavam imundos. Sabe-se lá há quantos anos não chega água ao chuveiro de Edília. Banho de balde com água gelada. Volto para a sala e quero assistir ao telejornal na companhia deles. Durmo no sofá. Edília e Salvador me despertam:

– Venha para a cama, niña.

Acordo, meio zonha, às dez da manhã. Penso ter ouvido Edília, aos gritos. Depois, pude perceber que não sonhava: seus berros eram para que eu conhecesse seu filho. O dia anterior, definitivamente, havia esgotado minhas energias.

Bem cedo, Camilo chegara a fim de me conhecer. Desde o começo, Salvador e Edília faziam propaganda do único filho. Lembro-me do dia em que cheguei do aeroporto e, assim que pôde, Edília mostrou uma foto dele.

– Precisa conhecê-lo! É lindo meu Camilo – dizia, orgulhoso, Salvador.

A primeira vista, essas palavras ditas por um pai coruja não pareciam nada diferentes do que dizem tantos pais em qualquer canto do mundo. Em Cuba, porém, qualquer forasteiro deve contar com o fator surpresa. Você pensa que conhece tudo, sabe que já ouviu isso de outro alguém, quando, de repente, descobre que era muito mais complexo do que imaginava. Enfim, conheci Camilo e, dessa vez, era ele quem me levava para conhecer alguns lugares da capital.

A carona em Cuba é algo comentado até entre os mais severos críticos do regime político cubano. Dentre tantas características atribuídas àquele país e a mais nenhum outro, a carona era uma das que mais me instigava. Proprietários de carro levariam os que não tinham um automóvel? Foi no terceiro dia que minha curiosidade se desfez. Camilo fez sinal a um carro qualquer e, depois de algumas poucas palavras de acerto com o motorista, entramos.

O veículo era um Almendrón, como os próprios cubanos costumam chamá-lo. Carro americano, da década de 50, que mais se assemelha a uma banheira ambulante. Seus bancos de couro vermelho, com as molas que parecem querer saltar para fora do estofado, fazem com que os passageiros sejam conduzidos de maneira saltitante. Barulhento e espaçoso, sempre tem lugar para mais um – o que torna a viagem dentro dele de um aperto caloroso. Isso porque era inverno. Dizem que o calor do verão é algo insuportável. Não por acaso, a baixa temporada na ilha ocorre na estação mais quente. “Em Cuba é verão o ano inteiro”, diziam muitos dos cubanos que conheci, e a alta temporada – que corresponde aos meses do inverno – não é assim tão fria. Apenas o calor se faz mais suave. É possível, nessa época do ano, sentir o

frescor das brisas e das chuvas. Ou até mesmo raros dias de muito frio.

O motorista ia parando aqui e ali, de acordo com o caminho que seguia. Antes de parar próximo aos que davam sinal, porém, apontava para algum lado com a mão esquerda para fora do carro. Este gesto indica a direção que irá seguir. Assim, o possível passageiro abaixa a mão ou a mantém estendida, caso vá para o mesmo destino. Poucas palavras são trocadas dentro do carro. Em geral, apesar de estarem todos quase que literalmente no mesmo barco, os passageiros são estranhos entre si. Há casos de amigos, casais ou familiares que pegam a mesma carona. Nessas ocasiões, várias conversas paralelas podem ser ouvidas.

Camilo pede ao dono do carro que o deixe próximo à sorveteria Copélia. Antes de sair, vejo tirar da carteira duas moedas de peso conversível e, estupefata, acompanho com o olhar o trajeto de sua mão a entregar dinheiro ao motorista. Enquanto ele desce do carro, continuo sentada e olho, com certa estranheza, para o condutor. Depois, para Camilo. Não quero descer. Não foi isso que me ensinaram sobre a carona em Cuba! Se é que posso continuar a dizer este nome – carona – com a intenção de significar algo que não se enquadra no conceito popularmente difundido. Camilo não me entende e pede para que eu desça: “É aqui. Pode descer”. Sem saber bem o que pensar, desço e lhe digo:

– Por que não deixou que eu pagasse? Sou eu a turista. Por isso teve de pagar? Porque levas uma estrangeira? Para os cubanos a viagem sai de graça, não é? Quem tem carro ajuda quem não o tem. Não é isso?

Camilo acha graça e responde:

– Não, não. Quem lhe disse isso? Não só é paga, como é muito bem paga: um dólar ou o equivalente em moeda nacional. Que dá 25 pesos cubanos.

“Não os vi combinando um preço?”, pensava. Logo que entramos, o que combinaram era se o rumo do motorista coincidiria com o de Camilo. Mas quando o questiono sobre o preço, ele me explica:

– Isso é assim, todo mundo sabe o quanto vale. São motoristas que não têm permissão para trabalhar como taxistas. Por isso cobram mais. Pelo risco que correm, caso a polícia perceba a ilegalidade.

Não existe carona em Cuba. Ou melhor, há como em qualquer outro lugar do mundo: aquela cedida entre amigos. Essa

constatação era algo decepcionante. Mais uma para a lista que apenas começava.

Se o motorista soubesse que havia uma estrangeira dentre seus passageiros, é bem provável que cobrasse mais pela “carona”. Isso foi confirmado dias depois, quando voltava de *Pinar del Rio*. A viagem com esses “táxis” ilegais de *Pinar del Rio* a *Ciudad la Habana* custa cinco pesos conversíveis, mas como o dono do carro percebeu que eu não era cubana, cobrou o dobro do valor. Uma espécie de recompensa pelo risco que corre comigo no carro. Um detalhe: com turista ou sem turista, se a polícia lhe pára, ele recebe a multa de qualquer maneira. Não tem permissão para ser taxista. Mas, claro está, a estrangeira pode chamar mais atenção do policial.

Fazia menos de dez minutos que esperávamos na fila da sorveteria Copélia, quando Camilo desistiu da espera e optou por comprar sorvete em uma outra, sem fila, ao lado. Enquanto esta custava em peso conversível e tinha ar condicionado em seu ambiente, a Copélia, apesar de ser um espaço praticamente todo ao ar livre e cheio de sombras, é conhecida pelas freqüentes filas de cubanos. Afinal, é a única sorveteria em moeda nacional e de valor acessível para população.

Na ida à casa de Dani, amigo de Camilo, pegamos outra daquelas “caronas”. Sua casa fica no bairro Vedado, considerado um dos mais chiques de Havana. Região de enormes casas, dos habitantes mais bem remunerados e, em geral, descendentes dos que já haviam acumulado fortunas, antes da revolução. Assim como ocorre em Miramar, bairro das embaixadas. Casarões impensáveis para quem freqüenta a periferia de Havana.

A rua em que chegamos é toda arborizada, refrescante e mais espaçosa do que as vistas no bairro Cerro. Talvez pareça maior pelo melhor estado em que as casas se encontram, pela limpeza que salta aos olhos e pela presença do verde que refresca. Quando a revolução triunfou e construíram casas para distribuir a todos que não as tinham, preencheram cada quadra com uma casa colada à outra, muitas delas edificadas por brigadas de voluntários. As coisas precisavam mostrar resultados imediatos e não pensaram em suas conseqüências. Sem um corredor de respiro entre estes lares, sem natureza e sem reformas – somados ao ar abafado do Caribe – a impressão é de estar em lugares sufocantes, de ruas empoeiradas e de construções que pouco a pouco se deterioram, clamando por reparos.

Depois que Camilo abre um portão alto de ferro, vejo uma casa enorme. Entramos na sala de estar, onde estavam sentadas, em

duas cadeiras de balanço, a mãe e a tia de Dani. Após os cumprimentos, pediram para que eu me sentasse. Foi então que Dani apareceu.

A política, em Cuba, é um assunto que surge naturalmente nos bate-papos. Quando a conversa parece despreocupada, alguém se lamenta pela rotina, o outro critica a vida e, para se chegar à conclusão de que o sistema sob o qual vivem lhes causa tudo isso, é um pulo. A mãe de Dani diz que admira Fidel por suas idéias, mas não gosta do modo como governa. Ela e o filho declararam que o comandante é muito inteligente, mas dispensavam sua política para Cuba. Pergunto a Dani por que a política de seu país não lhe agrada, e ele me diz que não gosta da distinção que o sistema faz entre os próprios cubanos – diferença proporcionada, principalmente, pela existência de duas moedas circulando no país. Quem tem acesso à moeda mais desejada pode freqüentar lugares e comprar produtos restritos à grande maioria da população. Há também a desigualdade existente entre as possibilidades de um turista e aquelas dos cidadãos da ilha. Mas precisei de mais dias e de outras conversas para entender o tamanho da lista de limitações de um cubano em seu próprio país. Dani, ao final, acrescenta:

– Não gosto do que esta política faz com nossos intelectuais, por exemplo. Se por um lado ajudam a outros países que necessitam de médicos e de professores, aqui, ficamos com um a menos. Dois. Vários<sup>2</sup>.

Dani trabalha em sua casa, por conta própria. Para não trabalhar totalmente na ilegalidade, paga ao governo 600 pesos cubanos – quantia determinada pelo Estado para que possa exercer sua profissão como autônomo. Todos os autônomos têm de pagar uma taxa estipulada pelo e para o governo que gira em torno deste valor. Por isso, Dani dizia a todo o momento, como que para se justificar:

– Dentro da ilegalidade, tento ser o menos ilegal possível.

Seu sustento, conquista exercendo três funções, quase que simultâneas. Faz reparos para a rede de hotéis Meliá, a qual lhe paga por conserto cerca de 100 CUC, trabalha para duas discotecas reparando as luzes, a fiação elétrica e, por último, também vende motores de carros que consegue montar com peças enviadas por

---

<sup>2</sup> O programa *Batalha de Idéias* também inclui o trabalho de profissionais da saúde e da educação cumprindo missões humanitárias em mais de 66 países.

amigos estrangeiros. O que possibilitou a chance de trabalhar com tudo isso foram os vários cursos técnicos feitos na área de engenharia eletrônica, que continua a estudar. Aliás, não pára um segundo. Por carregar muito peso, sente freqüentes dores na coluna. Mas o que fazer? Parar, não pode. Apenas tenta usar uma cinta em tempo integral a fim de tentar manter a coluna na posição correta. Mas, continuando no batente, não há milagre que resolva.

Para os que não conseguem encontrar alternativas de trabalho dentro do mercado negro, a vida “*no es fácil*”. Dani só consegue viver com mais conforto porque trabalha em vários lugares e recebe em divisa. Como coloca dois amigos por noite nas discotecas para as quais trabalha, se sente um pouco mais consolado, menos culpado por estar em lugares que nem todos seus amigos podem freqüentar.

Lembro-me de ter lido em *A ilha*, de Fernando Morais, que a moda em Cuba não pega. Mas não foi isso que pude perceber quando visitei a ilha, vinte e nove anos após a publicação daquele livro. Quando ainda estávamos na casa de Camilo, por exemplo, ele me perguntou se eu conhecia a marca de roupa *Colcci*. Acrescentou que tinha um amigo que trabalhava na loja da *Colcci* da Espanha e todas as roupas que vestia eram dessa marca - mandadas pelo amigo. Camilo calçava um tênis da *Puma*, vestia uma calça jeans escura e camisa pólo preta, de linho. Dani também gosta de se vestir como Camilo. Apenas Evélio não parecia ligar muito pra isso.

Este último foi outro amigo do filho de Edília que conheci. Quando voltávamos da casa de Dani, Camilo e Evélio me mostraram como gostavam de aproveitar a principal avenida de Havana. Andamos sobre a muralha do Malecón como se brincássemos de “siga o mestre”. De um lado ficava a avenida, do outro, o mar. Foi preciso andar em fila indiana, pois, se o espaço não chega a ser estreito, o aconselhável é que ninguém se arrisque naquela muralha. Pelo caminho, a pequena fila desviava de famílias, casais e amigos sentados. O sol começava a se pôr e produzia um belo espetáculo de cores refletidas pelas águas. Da altura em que estávamos, junto ao ar fresco vindo dos ventos que sopravam do mar, sentia uma gostosa sensação de liberdade.

Aos 26 anos, Evélio fala com orgulho sobre o que pensa em relação ao temperamento de seu povo:

– Nós cubanos somos muito brincalhões, rimos dos próprios problemas e achamos graça onde não tem. Brincamos muito um com o outro.

Sempre muito educado e atencioso, revela que os cubanos são muito orgulhosos e têm a auto-estima elevada, como consequência do investimento do Estado na educação. Para Evélio, isso é o que justifica o modo como seus conterrâneos lutam por seus direitos. Contou-me um caso ocorrido em seu serviço quando não queriam liberar suas férias. Resolveu falar com o superior de seu chefe e, finalmente recebeu o benefício merecido por direito. Sobre isso, cita um lema cubano:

– *“Lo que es mío, es mío”*.

Quando já caía a noite, voltei à casa de Edília. Camilo chegou mais tarde para me buscar. Queria que eu conhecesse alguma opção noturna em Havana. Fomos, então, eu, Dani, Camilo e Evélio à Casa Havana de Música. Entrada: 5 CUC por pessoa, o equivalente a 125 pesos cubanos. Todas as discotecas em Havana cobram ingresso em peso conversível. Não há nenhuma opção em moeda nacional. Para a maioria menos abastada há apenas alguns bares que aceitam o peso cubano. Mas estes são vistos com o mesmo desdém destinado à fraca moeda nacional. Nos lugares em que esta circula, a escassez de mercadorias é uma constante, o atendimento medíocre idem e a higiene, inexistente. São ambientes sombrios, malcheirosos e cheios de bêbados a se anestesiarem.

Dentro da Casa Havana de Música o ritmo da salsa, cantado e bailado por um grupo, parece ser a única diferença em relação às discotecas brasileiras. Antes do show, um telão transmite clipes de cantores latinos. Em geral, artistas nacionais e porto-riquenhos. Nessa noite, quase ninguém se atrevia a dançar. Mesmo quando o show começou, poucos casais se arriscaram. Os cantores e as dançarinas no palco pareciam alegorias anônimas contratadas, pois a dança não se refletia na pista e o canto não encontrava seguidores. Talvez isso se justifique pelo fato de que a clientela da casa seja composta, em sua maioria, por turistas de distintas partes do mundo, um tanto tímidos para acompanhar os passos mostrados sobre o palco, sem a companhia adequada para ensiná-los na pista. O contingente de habitantes locais era algo raro. Além da falta de certos produtos na ilha, às vezes me deparava com a escassez de cubanos. Quando termina o show, a música eletrônica começa. Acaba o diferente para o público e todos dançam.

Na saída, pessoas desviavam ou passavam por cima de algo que não pude distinguir. Lembro-me de Evélio estar ao meu lado, assim que vi um corpo estendido no chão, deitado de bruços e com as nádegas à mostra. Não estava totalmente nu, mas parecia que

havia rasgado toda a parte de trás da calça. É claro que não iria ficar ali, parada, a contemplar aquela triste cena, mas Evélio me puxou rápido demais, parecia que não era permitido ver aquilo. Dessa vez, era ele quem encontrava uma justificativa:

– Isso é assim. Venha! Deve estar bêbado... Sabe como é...

Eu não sabia.



Enquanto me despeço de Edília e Salvador, Rosa e Alex me aguardavam. Partia em busca de outras histórias da ilha. Era chegada a hora de novas fontes, informações que se confluíam ou não e por quê.

Antes, porém, alguns passos precederam meu encontro com os moradores da segunda casa onde fiquei hospedada. A ordem é mais ou menos a seguinte: amigos em comum me levam a conhecer Mário – um cubano que vive no Brasil há pouco menos de dois anos –, conto a ele sobre meu trabalho e, de imediato, ganho mais dois contatos em Cuba: um é sua mãe, que vive em *Pinar del Río* – no município da província de mesmo nome, localizada ao extremo oeste de Havana – e o outro fica no bairro de *Centro-Habana* – capital. É Rosa, mãe de seu amigo Alex, considerada uma segunda mãe para Mário.

Desde o Brasil, ele havia alertado para que eu anotasse os endereços dos cubanos com as seguintes referências:

-Anote aí: Rosa China – rua hospital, entre as ruas príncipe e vapor. Deves anotar exatamente como te passei. Chegando ao local, pergunte por China. Todos a conhecem.

Sigo o conselho de Mário e passo o endereço carente de número ao taxista. Chegando à rua hospital – entre as tais referências – bastou que perguntássemos a um vizinho, para que a casa fosse encontrada.

Algumas similaridades entre os modos de vida dos cubanos começam a ser notadas. Também Rosa precisa de um acendedor para as bocas de seu fogão, não tão original quanto o de Edília, mas daqueles automáticos e portáteis. Na pequena sala, duas cadeiras de balanço e um móvel cheio de cacarecos coloridos: diversos kits de velas aromáticas, flores artificiais, bonecas da *Barbie*, bichinhos de porcelana, incensos e sabonetes artesanais.

Rosa não deixa sua vaidade apenas para as coisas da casa, após o café-da-manhã, confessa que pode ficar o dia todo sem sair para as ruas, que não permanece com a roupa de dormir. Gosta de estar apresentável para receber as visitas que, afinal, sempre aparecem. Assim, sente-se renovada e viva.

– A alegria faz jovem o coração e a tristeza eu lanço num bolso.

Deixo minha bagagem em algum canto da sala e Alex me convida para conhecer a famosa Havana Velha:

– Não sei se você se importa, mas nós cubanos andamos muito de bicicleta, porque sabe como é...

– Não, vamos lá!

Com a derrocada do bloco socialista – liderado pela extinta URSS – e, como consequência imediata para a ilha, o início do que ficou conhecido como “período especial”, o governo cubano se vê, repentinamente, sem parceria alguma. Todos os setores da economia e da sociedade começam a se debilitar cada vez mais. A entrada anual de petróleo, por exemplo, chegou a cair de 13 para 3 milhões de toneladas. Sem combustível, os transportes estacaram. A saída? Locomoção sobre duas rodas. No prefácio da trigésima edição do livro *A ilha*, Fernando Morais fornece um importante dado para se entender os milhares de ciclistas espalhados por toda Cuba: “Para que a falta de transportes não paralisasse completamente a economia, o governo decidiu trocar com os chineses uma partida de açúcar por nada menos que 2 milhões de bicicletas”.

Outro meio de transporte, diferentes sensações. A casa de Alex fica bem próxima ao Malecón. Andar pela avenida à beira-mar de bicicleta é deixar, aos poucos, a fastidiosa paisagem de moradias decompostas e ter olhos, apenas, para o cristalino e de um azul intenso mar da baía. De repente, a vista se transforma: o mar cede lugar para casarões imponentes e de uma beleza restaurada. Estamos em Havana Velha, leia-se: a parte reformada dela.

Eusébio Leal é historiador oficial da capital cubana e grande mentor do projeto de restauração do bairro ao qual acabo de chegar. Começo a imaginar que estou em uma daquelas cidades-cenários montadas, exclusivamente, para as telenovelas. Parece uma parte estranha ao território, pois não há harmonia com o resto. Basta se afastar um pouco para reparar em casas e comércios sem a mais básica manutenção. Prédios que aparentam não haver moradores estão repletos deles. O mais impressionante foi uma casa que, em processo de reparos, continuava a ser morada dos que lá viviam. Observo tatames e estruturas de ferro diante da construção, em meio a roupas coloridas suspensas por espécies de varais, que saem da sacada. Já que estava localizada em um circuito cheirando a novo, onde turistas não deixam de passar, teve de se adequar à boa aparência. Mas, enquanto esta não chegava, permaneciam os antigos hábitos: o colorido das roupas dá vida às cores desbotadas dos velhos lares.

Museus, bares com música ao vivo, farmácia tradicional: recipientes de porcelana, lustre de cristal, piso de madeira e tudo

impecável para receber os flashes de turistas. De preferência, aqueles que têm carteiras recheadas. Lugares típicos de freqüentadores estrangeiros. É o povo da divisa ou do chavito, como os próprios cubanos costumam chamar o recente peso conversível. Alex deixa claro que cubanos podem freqüentar esses locais. Desde que tenham o suficiente na moeda que tudo compra.

– Precisa usar a internet?

– Preciso sim, onde tem?

– Vem comigo que você pode usar meu e-mail.

O correio cubano abriga salas de acesso a endereço eletrônico. Já o caminho para a internet é cheio de detalhes. Aliás, certo dia, Alex comentou com seu amigo:

– Às vezes, tento explicar à Patrícia como funcionam as coisas, aqui em Cuba, e custa a ela entender.

As salas dos correios disponibilizam alguns computadores para que o cubano tenha acesso a uma página chamada *Correo de Cuba*, a qual serve, apenas, para receber e mandar e-mails. Ficamos uma hora e meia na fila. Tempo suficiente para irritar Alex e me deixar a par de todos aqueles pormenores. No começo da espera, ele ainda se distraía com a música ao vivo do bar em frente – pago em peso conversível.

– Essa página aqui, criaram para nós, mas não é nada mais que um espaço controlado pelo governo, em que apenas nos deixam mandar e receber correios eletrônicos.

Conta que nas escolas, universidades e em hotéis havia um portal criado – para cubanos – que se chamava Intranet: programado para acessar uma quantidade restrita de sites. Há uns dois ou três anos, o acesso à internet se restringia aos estrangeiros. Entretanto, logo os hotéis aderiram à lei nova de que cubanos, pagando, podem, também, acessá-la. O que parte da população fazia, quando da inexistência dessa lei, era ficar com o número do passaporte de algum estrangeiro, para acessar a internet por meio dessa conta. Nesse caso, cubanos tinham de contar com a sorte de estabelecer vínculos com o turista, a tal ponto que este fosse capaz de confiar o número de um documento seu àqueles. E Alex arremata:

– Olha Patrícia, costume dizer que esse é “o país do que não se pode”: não se pode usar a internet, não se pode sair e não se pode criticar.

Para o uso da rede virtual, sem restrições, o valor da abertura da conta é de 4,50 pesos conversíveis. Depois, você deve pagar ao menos 3 CUC. Enquanto nos correios de Cuba, um ínfimo

pedaço do mundo virtual, os cubanos precisam pagar, na abertura da conta – também em divisa –, a quantia de 1,50. Feito isso, podem usar pagando ao menos 50 centavos de pesos conversíveis. Alex, por exemplo, têm somente acesso ao correio de Cuba. Não tem a possibilidade de gastar, por enquanto, aquela quantia exigida para usufruir da virtualidade em hotéis.

A outra forma de ter acesso à rede ocorre via mercado negro. Alguns funcionários de empresas, que não têm como trabalhar sem o auxílio virtual, podem ter acesso à mesma conta utilizada na empresa, em casa. O que ocorre é que muitas destas pessoas vendem algumas horas de internet para aqueles que queiram e possam comprar por elas. Geralmente, a coisa funciona assim: 12 horas do dia – 30 CUC, por mês –, 24 horas – 60 CUC mensais. Enquanto quem vendeu as horas trabalha, usa a internet quem as comprou. Esta é uma das tantas e criativas maneiras cubanas de buscar divisa.

– Poucas pessoas têm acesso de forma legal, somente quem trabalha no turismo ou em organismos mais fortes. Mas essas contas, quase sempre, saem de graça, porque é a empresa a responsável por mantê-las.

O correio, localizado em Havana Velha, comportava duas salas com nove computadores cada, mas quando estávamos prestes a entrar, descobrimos que uma das salas estava fechada porque – de acordo com o aviso colado no vidro do prédio – passava por um processo de remodelação de suas máquinas. A nossa vez chegou e pagamos um peso conversível para trinta e cinco minutos de e-mail. Foi o tempo de abrir o correio para a conexão cair. Saímos e uma fila enorme ainda aguardava. Todos começavam a receber a má notícia de quem saía. Da boca de alguns que mal entraram como nós.

Caminhamos a pé até a *Telecsa* – empresa telefônica de Cuba – porque Alex ainda precisava comprar um cartão de crédito para o celular. Saímos de um calor intenso, mas lojas com preços em CUC correspondem a lugares com ar condicionado. Dentro dela, a espera também era visível. Em geral, filas combinam com locais onde apenas aceitam a moeda nacional. Mas no caso dos correios e da loja de aparelhos telefônicos – como a única moeda aceitável é a conversível, porém a clientela cubana é maioria – a cansativa serpente humana é inevitável. Alex já estava que não se agüentava de tão nervoso e desabafa:

– Olha: fila aqui, fila acolá, tenho que pagar o estacionamento e já se passaram mais de duas horas sem que eu tenha resolvido nada.

Compramos a tarjeta de créditos em uma vendinha que não havia fila alguma. Nela vendiam fotos do Che, camisa do Che, postais do Che e cartões telefônicos, por sorte! Quando pegamos a bicicleta no estacionamento – valor: um peso cubano – e Alex guiava rumo a sua casa, passamos em frente a outro correio. Ele pede para que eu preste atenção. Pude, então, perceber que muitas das pessoas que esperaram conosco – naquele em que a conexão havia caído – formavam mais uma fileira neste lugar.

– Gostou de Havana? Indaga outro amigo de Alex.

– Gostei, preciso conhecer mais, ainda. E você, gosta?

– É boa, mas não para viver.

Alex sorri, mas seu amigo cruza os braços e continua a me olhar esperando algo. Alguns de seus dentes eram podres.

Já escurecia quando chegamos a casa. Rosa havia preparado o jantar e nós serviu. No prato, dispôs o arroz como fazem em restaurantes: um montinho todo uniforme. Nos primeiros dias, pensei que aquele capricho todo fosse pela visita, mas depois, pude perceber que essa atitude só era mais uma que revelava o lado vaidoso da mãe de Alex. Ela não costuma comer em restaurantes, mas gosta de preparar pratos tão apetitosos quanto se estivesse em algum.

– Se importa de dormir comigo?

– Claro que não, mas e Alex?

– Não se preocupe. Ele sempre dorme aqui na sala. Tem seu colchão lá em cima e, de noite, traz aqui pra baixo. Gosta de assistir à televisão, enquanto o sono não vem.

Fazia muito frio e as janelas de placas de alumínio pareciam que a qualquer momento poderiam partir-se ao meio. O vento produzia um ruído desconcertante nas placas e Rosa se recorda de quando ainda era criança:

– Em época de ciclone, aqui em Cuba, o barulho é muito pior. Eu me cubro inteirinha. Não deixo nem meu rosto pra fora. Sabe que quando eu era pequena, não acontecia nada disso? Eu adorava ouvir todo esse barulho.

Virando-se para dormir, constata, de maneira singela:

– A inocência é não conhecer o perigo.



*Em Pinar del Río, fila pra mais de quinze anos*

Passados dois dias, resolvi conhecer Tati, a mãe de Mário e aproveitar para ver como eram as coisas no campo. Alex pediu pra me acompanhar. Achava mais prudente eu não estar só, enquanto Tati trabalhasse.

De mochilas nas costas, caminhamos até a rodoviária de Havana e acertamos com o dono de um carro a viagem até *Pinar del Río*. Um serviço tão ilegal quanto os carros particulares que, sob a aparência da carona, são revertidos em táxis. Fomos nós dois e mais um casal, cada um pagando a quantia de cinco pesos conversíveis.

Aos cubanos restam, ainda, outras três maneiras de ir. A primeira delas, a mais requisitada – devido ao preço cobrado em moeda nacional – é com o ônibus de uso exclusivo da população. As outras duas opções seriam as companhias *Astro* ou *Via Azul*, ambas direcionadas para turistas, mas que cubanos também podem utilizar. A passagem para *Pinar del Río* com a companhia *Astro* custa 8 CUC, para os primeiros. Para cubanos, o valor é de 6 CUC. Já a *Via Azul* tem um preço fixo de onze pesos conversíveis. Todos esses transportes saíam do terminal de Havana e também lá se encontravam os carros particulares com seus donos à procura de passageiros.

Em uma de minhas conversas com Mário, ele havia esclarecido como fazia a viagem com aquele ônibus permitido somente para cubanos. Para tal intento era necessário reservar a passagem com quinze dias de antecedência. Como nunca conseguia a reserva, restava-lhe subornar o funcionário que, por sua vez, lhe vendia por 30 em moeda nacional – na época, há menos de dois anos, quando a passagem valia sete pesos cubanos, o que não chegava a custar um peso conversível. Segundo Mário, há bilhetes separados e destinados para este fim. Atualmente, no entanto, sua propina não poderia comprar a passagem em seu valor legal. Faltariam, pelo menos, mais três míseros pesos cubanos. Sim, porque quando estive na rodoviária com Alex, esse tipo de passagem custava 33 ou 35 em moeda nacional, dependendo do assento. Fico imaginando quanto será, agora, o preço do suborno.

Quem quisesse tentar a sorte de um dia para o outro, pagando o preço normal, precisava pôr o nome na imensa lista de espera e aparecer no dia seguinte, às cinco da manhã, a fim de ver se haveria alguma desistência. Caso houvesse, conquistava seu lugar na

viagem. Do contrário, voltaria pra casa sem a passagem e com o sono perdido.

O risco de ir do modo como escolhemos é que se o carro quebra, no meio do caminho, cada um se vira como pode. Já que o motorista não tem permissão para levar passageiros e não está assegurado por nada. Através do vidro, vejo um canteiro dividindo a estrada em duas mãos. Nele havia mato rasteiro e em alguns pontos se intercalavam ora arbustos bem verdes, ora vermelhos. Beirando a estrada dos dois lados, a paisagem era de muito verde: enormes palmeiras, plantações de cana, de milho, muitas represas e um sol que fazia a superfície da água brilhar como se estivesse tomada por pedrinhas de cristal. Observei, ainda, alguns bois pastando. Primeiro vi um muito magro, depois outros um pouco mais encorpados. Havia, também, algumas árvores com folhas secas de tão castigadas pelo clima demasiado quente. Na mesma pista, um caminhão levava passageiros na carroceria e debaixo de sol.

Quando chegamos perto da região onde Tati vive, o motorista nos deixou numa avenida. Descemos do carro, pegamos as malas e seguimos por uma ruazinha asfaltada, mas sem calçadas. Em volta do asfalto, terra batida, sobre esta terra, mato e alguns prédios espaçados uns dos outros. “São construções gêmeas”, comenta Alex. As cores que vejo são frias, desgastadas e alguns prédios são de cimento de cima a baixo, sem o acabamento da tinta. É tudo muito igual, muito castigado, ao aguardo da reforma. Não é como em muitos bairros de Havana, onde cada quadra é toda preenchida de casas, prédios, um muro colado ao outro. Já no centro de Pinar del Rio, a quantidade exaustiva de moradias lembra mais a capital.

Ao entrarmos no prédio onde mora Tati, um pequeno corredor nos leva para a escadaria – o único acesso aos apartamentos. Depois de andarmos em espiral, chegamos ao 8º andar, o último do edifício. Tati e Danay – a irmã de Mário – nos aguardavam. Após os cumprimentos, nos serviram suco e tivemos de descer porque Alex precisava telefonar para um amigo, que também vivia em *Pinar del Río*.

O prédio onde Tati disse haver um telefone público ficava perto. Enquanto Alex ligava, eu caminhei para a rua. Foi quando passaram dois meninos, correndo, ao meu lado. Tinham uns sete ou oito anos e em suas mãos traziam fatias de bolo apoiadas num pedaço de papel xerocado. O papel que outrora imprimira um texto, agora servia como um reles guardanapo. Os garotos partiram e eu ouvi, de repente, o cacarejar de um galo. Depois, o animal saiu por

detrás do prédio, atravessou a rua e sumiu por entre os escassos edifícios.

Assim que Alex termina a ligação, digo a ele que desde cedo eu me sentia um pouco indisposta. A sensação era semelhante àquela que temos quando o corpo está em estado febril. Ele pede para que eu não beba mais água na casa de Tati. Explica que em sua casa, ainda que a água seja tratada, costumam fervê-la. Acredita que cada um se adapta à água da região onde vive e, talvez, fosse esse o motivo de meu mal-estar. Já que também na casa de Edília não ferviam e pelo suco servido assim que chegamos. Logo recordo o sabor da água. E isso não é nenhum absurdo. A substância vital, em Cuba, carece de uma das características que sempre aprendi como inerente a esse líquido: a de ser insípido.

Retornamos ao apartamento de Tati e pedimos a Danay que nos acompanhasse para as compras. Alex queria comprar carne e alguma mistura para o almoço, a fim de não trazer despesa para a família de Mário. Danay nos levou até uma feira, com pouquíssimas variedades e alguns vendedores ambulantes, sem barracas. Antes, porém, passamos em uma vizinha, que vendia presunto. Era uma peça arredondada e tinha, no máximo, três dedos de grossura. Acredito que o pedaço não chegou a pesar trezentos gramas, no entanto, nos custou 50 pesos cubanos ou 2, em peso conversível.

Na primeira barraca da feira, compramos dois pepinos e uns sete tomates. O feirante pesou tudo junto e cobrou 10, em moeda nacional. Perguntamos ao mesmo vendedor com quem podíamos comprar carne. E ele recomendou, apontando para alguém atrás de nós:

– Carne é com aquela moça.

Avistamos uma mulher diante de dois homens sentados – sendo que um deles segurava uma espécie de saco de batatas. Caminhamos até eles e nos disseram que não tinham mais carne de porco – como queria Alex – a única que havia sobrado era a de carneiro. Ainda assim, queríamos ver o produto. Com muito custo, para nos mostrar, o homem puxou a carne que insistia em grudar no tecido, por causa do sangue ainda viscoso do animal. Só se via muito osso e sangue – mosca em volta de nós e à espreita do saco – não faltava nenhuma parte do corpo do animal morto, mas parecia que em vida não tinha conseguido acumular tanta massa, já que o que nos chegava à vista aparentava pouca fartura. Apesar da cara de desgosto que devemos ter feito, a mulher nos garantiu que pratos

riquíssimos poderiam ser adquiridos com aquele carneiro. Agradecemos à dica, mas preferimos desistir da compra.

Voltávamos para casa, quando Alex exclamou:

– Vai saber desde quando o animal já não estava morto! E que má impressão só de ver o esforço que o homem fez para tirá-lo da sacola! Se tivessem tido ao menos o trabalho de limpá-lo, era outra coisa, mas assim não tenho a certeza de que o alimento era fresco.

Danay explica que não achamos carne para vender porque já passava do meio-dia.

– Quem vende, vem desde cedo para se livrar logo e não estragar.

Enquanto eu e Alex seguimos para o centro, a irmã de Mário fica em casa. Em uma espécie de charrete coletiva vamos para a região central de *Pinar del Río*. Dois cavalos comandados pelo cocheiro suportam uma carroceria com capacidade para dez pessoas e formam um dos meios de transportes mais comuns no campo. O valor da viagem é de um peso cubano.

O centro de Pinar del Rio se resume, praticamente, a uma avenida principal. Nela estão os restaurantes, alguns museus, um teatro, casas de câmbio, casa de cultura, alguns bares e boates. Nós tivemos de nos afastar um pouco da avenida para chegarmos às ruas próximas da casa de seu amigo Danelle. Em volta do centro tudo parecia em eterna construção. Um lugar onde as ruas não tinham nomes bem sinalizados, partes que, simplesmente, eram montes de terra e pedras. Havia asfalto, o difícil era encontrá-lo inteiro.

Quando chegamos à rua *Proyecto*, bem perto daquela em que mora Danelle, vimos escrito, finalmente, o nome desta rua na placa de uma casa. Perguntando aos vizinhos, a cada pouco que parávamos e nos víamos perdidos, com o endereço na mão, encontramos a casa. No meio da sala, uma mesinha de centro era enfeitada por um vaso com flores artificiais.

A mãe do amigo de Alex sentou ao meu lado e me contou que há pouco – fazia dois meses – havia operado de câncer de mama. Comentou que há dez anos os médicos diagnosticaram um tumor. Porém, este foi sanado com radio e quimioterapia. Passados esses dez anos, descobriram outro, que por sorte estava no começo. Mas, desta vez, era preciso que removesses toda a mama direita. Trabalha como enfermeira e disse que não teve gasto nenhum. Inclusive com os remédios. Agora, por conta dessa operação, estava de licença. Sente-se muito fraca, ainda.

Já anoitecia quando voltamos a casa. Para a janta, Tati cozinhou arroz, feijão preto e fritou algumas fatias do presunto comprado à tarde. Tomei banho e também na casa de Tati o chuveiro não funcionava. O jeito era recorrer ao balde. Porém, como fazia muito frio, ela ferveu a água. As torneiras de seu lar - problema comum em residências cubanas - têm abastecimento precário. Quando precisa, busca a água reservada em um barril de lata, localizado na área de serviço.

Como recepcionista de um hospital, a mãe de Mário recebe 340 pesos cubanos – o equivalente a 13 CUC. Depois de trabalhar dois dias seguidos, durante doze horas cada, ganha dois dias de folga. Se a quantia de 150 em moeda nacional ou 6 pesos conversíveis quita, apenas, um pacote de cimento, seu salário não serve para arrumar as tremendas infiltrações – que se alastram – deixando manchas por todos os cômodos de seu lar. A outra forma – na verdade a maneira legal – de arrumar estes problemas seria com a autorização do governo para que pudesse comprar materiais de construção a baixo custo. No entanto, aguarda numa lista de espera que já dura mais de quinze anos e não vê sinais de que sua vez está próxima de chegar.

Danay expressou um sorriso tímido, assim que cheguei. Pôs-se a ouvir calada a história que eu contava à sua mãe sobre como havia conhecido Mário. De noite, quando eu e Alex voltamos do centro de Pinar del Río, fui ao quarto para escrever um pouco. A porta estava aberta e Danay, ao me ver, entrou. Sentou-se ao meu lado, na cama e, quieta, prestava atenção. Comecei a explicar o que escrevia, enquanto ela concordava com a cabeça e proferia algumas poucas palavras quase inaudíveis. Eu puxava assunto, e ela se sentia mais à vontade em responder um pouco mais. Assim foram as outras vezes em que nos encontramos: ela sempre sentava ao meu lado, resignada e esperava até que eu começasse o assunto.

A irmã de Mário completou 30 anos e tem um filho chamado Ronaldo. Ela aguarda que o menino complete cinco anos para deixá-lo na escola. Quando a criança é menor e as mães trabalham, existem círculos infantis pelo preço de vinte pesos cubanos mensais – o que não chega a custar um peso conversível. Entretanto, como em *Pinar del Río* não há muitos destes círculos, a mãe de Ronaldo não conseguiu vaga e teve de deixar o trabalho. Antes, Danay o deixava com uma vizinha que cobrava pelo serviço duzentos pesos cubanos. De seu salário sobravam apenas 68 em moeda nacional.

– O esforço não compensava. Desabafou Tati.

Ronaldo é uma criança de poucas palavras como a mãe. Às vezes, corria pela casa, sem parar e caía. Então, começava a chorar e sua avó se irritava:

– Mas que ‘muchacho’! Não pára um segundo!

Como característico em todas as crianças, ele se encanta com coisas simples. Surpreendia-se, por exemplo, ao descobrir o que podia fazer com a caneta e o papel que havia lhe dado. Com os olhinhos brilhantes e um sorriso de ponta a ponta, assim que viu seus rabiscos, gritou:

– ‘Mira’!

Havia outro motivo que traçava como um de meus destinos, em Cuba, a visita a *Pinar del Rio*. Queria conhecer as extensas faixas de terra que abrigam o cultivo das folhas de charuto, na província considerada a maior produtora de fumo – uma das bases da economia cubana, junto ao açúcar, o níquel e o turismo. Este, em primeiro lugar.

Alex pede um tempo antes de partirmos. De casa, trouxe dois sapatos sociais de couro preto – presentes de um amigo canadense –, a fim de tentar vendê-los para alguém no campo.

– Por quanto?

– 13 ou 15 *chavitos*, cada um. Isso depende de quanto o feirante consegue. Mais do que isso não se vende.

A intenção era ganhar dez pesos conversíveis e os outros três ou cinco a mais ficariam com o intermediário responsável pela venda. Acompanhei Alex até a banca, em que no dia anterior compramos legumes, e na qual agora ele deixava seus pares de sapatos para – em sociedade – buscar a divisa do dia. Amarrados ao tubo de ferro da barraca, geralmente utilizado para fixar os preços, dois novíssimos sapatos pendurados. Abaixo deles, frutas e legumes. Era no mínimo incomum, mas, como definiu a cubana conhecida em uma de minhas empreitadas para o uso do correio eletrônico:

– Aqui, tudo é estranho.

Ela se referia, dentre outras coisas, a um pequeno caminhão que tínhamos acabado de ver, no qual em vez de uma carroceria, madeiras compunham a estrutura de uma casa. Era parecida com aquela que, quando pequenos, desenhamos. Dois milicos, sob o abrigo das placas de madeira, – como se estivessem em posição de guarda – trocavam de posto, enquanto o automóvel esperava o sinal verde.

Deixados os sapatos em seu devido lugar, Alex sugere uma viagem a Viñales – município de *Pinar del Rio* – e assegura que, pelo caminho, encontraríamos as plantações de tabaco. Comenta, ainda, que a ida a Viñales me faria conhecer algumas opções de chalés, onde cubanos podem passar o fim de semana.

Poucas eram as formas, no entanto, de nos deslocarmos para aquele município. Havia um carro acessível para população, no valor de 20 em moeda nacional, mas Alex não guardava boas recordações da dependência de táxis oficiais. Quando precisou voltar de Viñales, nas duas vezes em que havia ido com este tipo de transporte, teve de

pagar para um carro particular o preço que o dono quis: na época, lembra algo em torno de 8 CUC. Tudo que vai, volta, deveria pensar Alex. Mas as duas tentativas foram o bastante para convencê-lo a dar mais crédito à outra sentença: aquela na qual toda regra tem sua exceção. Em Cuba, principalmente no campo, aquilo que foge à norma é mais certo.

Transporte público? Estranho, não vi passar um ônibus em Pinar del Río! Os mais usuais são os bicitáxi (uma bicicleta adaptada para levar dois passageiros) e os movidos a tração de cavalo. Restava-nos, então, o aluguel de algum carro ou moto. Porém, essa alternativa é reservada ao estrangeiro. Optamos pela moto, mas a turista, no caso, não tinha licença para guiar tal veículo. Fato que não chegava a ser um grande problema: como em tantas outras coisas pela ilha “caminhariam de mãos dadas” o cubano e a estrangeira. O verdadeiro motorista apenas precisava do número de meu passaporte para ter como se locomover de moto em seu país.

Com o transporte a cavalos chegamos até a locadora. Resolvemos que o passeio seria feito em um dia. O que nos custou 29 CUC – 23 pesos conversíveis para a diária e 6 para a gasolina.

A estrada para Viñales é um pouco estreita e tem algumas de suas faixas apagadas, mas o asfalto segue todo liso. Vários são os pontos turísticos do local e, por isso, uma via sobre a qual trafegam muitos ônibus de excursão. Pelo caminho, vejo as primeiras plantações de tabaco. É fácil distinguir a cultura destas com as de cana, por exemplo, porque nas de tabaco sempre há uma espécie de chalé todo de palha, para a secagem das folhas antes do processo de fermentação.

Casas de camponeses mantidas como manda a tradição, com telhados de palha e armação de madeira pintada em tons claros, também podem ser vistas ao longo do trajeto. Vi alguns bezerros, vacas e bois; todos magricelos. À beira da estrada, árvores de ervas venenosas imprimiam um singular desenho ao cenário: montanhas de um verde denso, revestidas de folhas que transbordavam dos galhos até sumir com todos eles.

Alex tem 35 anos, é branco e tem cabelos castanho-claros. Quando chegamos a Viñales e começamos a caminhar pelas redondezas, comentou que todas nossas andanças, nesses últimos dias, poderiam ter sido freqüentemente interrompidas por policiais que vivem a fazer isso:

– Por que estão juntos? Há quanto tempo se conhecem? Ele te incomoda? Está oferecendo algo? ...

Caso Alex fosse negro, as chances disso acontecer seriam tremendas. Para não dizer certas. Quando estive em uma das praias do leste de Havana, vi como cubanos negros são parados a cada instante por policiais. Ainda que estejam a sós. Segundo Alex, os guardas vivem pedindo a identidade para quem eles desconfiam tratar-se de um cubano:

– E como as estatísticas dizem que a maior porcentagem de delinquentes está entre os negros, vão direto neles.

Não à toa, Alex se sente desgostoso em ir, às vezes, a esses lugares, porque diz que vai para se divertir e acaba que não relaxa. Sente um clima de perseguição interna e declara:

– Tudo bem, eles se justificam dizendo que o número de assaltos a turistas é considerável, mas isso não aparece em nossa identidade. O trabalho deles deve ser o de vigiar para que isso não aconteça, não nos incomodar o tempo todo.

Em dezembro de 1991 tem fim a URSS e, portanto, Cuba perde sua principal provedora de divisas e de recursos que faltavam à ilha. Em meio à perda de uma parceria que se fazia vital para revolução, o bloqueio imposto pelos EUA, desde os primeiros anos da década de 60, ganhava mais um dispositivo. Em 1992, entra em vigor a lei Torricelli que, dentre outras medidas, impedia, por seis meses, a entrada de navios que comercializassem com Cuba nas enseadas estadunidenses. Diante de um período tachado como especial, a atitude do governo cubano foi abrir o país para o turismo e permitir a existência de empresas com capitais mistos – principalmente na área hoteleira. Soma-se, ainda, a legalidade do uso do dólar, em 1993, como tentativa de atrair a moeda forte, por um lado e salvaguardar o regime revolucionário, por outro, para compreender que conseqüências desastrosas cairiam sobre a ilha e seus habitantes. Uma delas é essa de um turista ser a menina-dos-olhos para cubanos e de policiais terem de redobrar a atenção para o povo que, fazendo jus à alcunha de revolucionário, revoluciona a cada dia o modo de se aproximar de alguém que simbolize a via possível para a tal moeda forte.

– Você fez colegial técnico ou normal?

– Fiz normal, depois fiz um curso técnico de economia.

– Não quis fazer faculdade?

– Não. Desde cedo aprendi que não compensava trabalhar para o Estado e comecei a investir em cursos de idiomas e informática. Sei falar inglês e francês.

– Mas em escolas especializadas? Pagam pra isso?

– Sim. Para se aprender qualquer idioma aqui, o custo é de vinte pesos cubanos. Porque são considerados cursos para trabalhadores.

– Jura? E quantas aulas por semana?

– Quatro vezes, de uma hora e meia cada.

– Nossa! Mas isso é muito barato!

– Sim, vinte pesos por mês não é nada, porque ninguém aqui vive do salário oficial. Mas se realmente, como teria de ser a vida, alguém vivesse só do dinheiro pago pelo governo – de 100, 200, 300 pesos cubanos, na maioria dos casos – vinte pesos, sim, seriam muito significativos.

– Mas você trabalha, atualmente?

– Eu vivo agora da venda de umas contas de internet. Lembra que eu lhe disse sobre as pessoas que têm acesso em casa?

– Lembro.

– Então, tenho dois amigos médicos que queriam vender essas contas e eu me ofereci para encontrar pessoas que pudessem pagar pelo serviço. Uma das clientes não podia pagar muito, então, só consigo receber três pesos conversíveis dela e 10 CUC vão para o médico. Mas a outra, eu consegui que pagasse 30 CUC e, desse valor, fico com a metade. Essa daí tem a família toda em Bahamas.

– Vive com 18 CUC mensais?

– Hoje, sim.

– E o que significa ser um curso para trabalhadores?

– Significa, por exemplo, que apenas – na teoria – pode aprender outro idioma quem trabalha dentro da lei, ou seja, para o Estado.

Alex então me explica que se você quer aprender qualquer curso de línguas, um dos requisitos é o certificado de seu centro de trabalho. Mas tudo isso se negocia: às vezes, envolve propinas, em outras bastam contatos e documentos falsos. No fundo, é a dor de cabeça inerente a qualquer área impregnada de burocracia. Já o curso de informática é livre e, por isso, gratuito.

– Mas pretende trabalhar em quê com os idiomas?

– Neste tempo que não consigo um bom trabalho, o que faço é juntar o dinheiro que consigo e seguir com meu curso de computação e inglês. Agora, em setembro, não estou seguro, mas se estiver aqui, volto ao alemão. Uma vez eu vi um poliglota e pensei: ‘Puxa! Quisera eu ser poliglota! Quiçá não o consigo, quiçá, sim’.

O Estado levanta como uma das bandeiras de sua propaganda internacional seus feitos na educação, mas os

inteligentes cubanos perceberam que, como pessoas bem educadas que são, têm de conseguir ser malandros a tal ponto de driblar a maior inteligência que é o Estado, e tudo se converte em mercado negro. Formas mútuas de tirar proveito. Há que seguir ‘luchando’ em Cuba, como dizem muitos, e nessa luta, não importam as ferramentas utilizadas, o que conta é que cada um saiba usá-las dentro de seu espaço sem atrapalhar o limite do outro. É o toma-lá-dá-cá: o submisso tem que tratar de ser esperto a ponto de saber aproveitar as brechas do Estado e este finge que não enxerga se ninguém se manifesta contra. De preferência, aqueles comandados que ainda o ajudem no coro de “viva a revolução”! Em vez de o Estado aproveitá-lo como trabalhador, ele é quem se aproveita daquilo que o Estado melhor proporciona: línguas, afinal, estas abrem portas para outros mundos, literalmente ou não. É dizer: se mandando de Cuba ou, simplesmente, conseguindo viver sob o símbolo de um país socialista, via participação no turismo.

– Vocês são privilegiados neste aspecto: de cursos de idiomas a tão baixo custo.

– Tu não podes ter tanto orgulho de dizer que vive em Cuba, fala inglês, fala francês e estudou economia, se estiver morrendo de fome.

– Mas o que pretende fazer, então, com esse conhecimento?

– Estudo línguas porque devo cercar-me. Isso transporta a ti para um trabalhador do futuro. Porque, por exemplo, o caminho que estou demarcando é a linha do turismo, das agências de viagens, dos aeroportos, das fronteiras. Aqui, ou em outro lugar do mundo. Entende? É algo que eu tenha que contar só comigo.

– Você já deu a entender várias vezes que talvez pense em sair de Cuba. É isso?

– Os cubanos não querem sair de seu país, o que necessitam é de um pouco de liberdade. Porque sentimos que é um direito. Não ficar ouvindo que não se pode. Porque ao momento se faz a pressão e a tampa da panela, pá! Explode.

Há algumas ilhotas, em torno da ilha principal de Cuba, pertencentes ao país, que são consideradas pedaços do paraíso na terra, mas voltadas exclusivamente para turistas. A entrada da população é terminantemente proibida. Os cubanos que são vistos nestes pequenos édens – como Cayo Coco y Cayo largo, ao norte da ilha principal – são os que lá trabalham. Esta é apenas uma das limitações que eles enfrentam e à qual Alex também se refere, quando cita a falta de liberdade. Sem contar os lugares nos quais o

próprio preço os proíbe de entrar. Alex sustenta, ainda, que os cubanos vivem a se camuflar para que por debaixo dos panos possam conquistar um tratamento mais digno. Quando precisou encontrar com alguns amigos franceses no bar de um hotel, por exemplo, perguntou o caminho ao recepcionista, em francês. Com um sorriso de ponta a ponta foi recebido e atenciosamente informado. Pensando que atendia a um estrangeiro, o cubano do hotel tratou bem a um conterrâneo tão merecedor de sua atenção quanto àquela destinada aos turistas. Por isso, acredita que devem se mostrar sempre decididos, não podem titubear, para que nenhuma de suas encenações termine em farsa.

– E tem mais, para que fique bem claro: meu irmão foi viver em Costa Rica e conseguiu residência fixa por lá. Agora, sempre que volta à Cuba, pode conhecer todos os lugares que nunca lhe foram permitidos, enquanto ele, aqui, crescia.

– Já não pensa em seguir por aqui?

– Não queria adiantar as coisas porque minha mãe não pode saber. Não gosto porque ela vive o dia todo a fofocar com as vizinhas e pode acabar contando, consciente ou inconscientemente, para alguma que ponha olho gordo. Prefiro ter a certeza de que tudo dará certo, pra depois contar a ela.

– Alguma carta de invitación?

– Claro. Recebi, assim que você chegou, de um amigo da França. Já esperava por isso há dois anos. Mas ainda faltam alguns documentos que ele precisa mandar. Por isso o meu desespero naquele dia em que não pude checar meu e-mail.

Chegamos ao ponto em que Alex disse haver os chalés para cubanos alugarem. Vi um grupo de jovens, entre meninos e meninas, entretido em diversas atividades: uns jogavam bola, outros dançavam e outros, ainda, se concentravam no jogo típico da ilha: o dominó.

– Sabe que não podemos alugar nenhum quarto de hotel. Mas, aqui, temos a oportunidade de passar um fim de semana nestes chalés, por 48 pesos cubanos.

– O fim de semana todo?

– Sim, porém... é um espaço direcionado para o trabalhador e no próprio centro de trabalho se consegue tudo. Mas também há fila. Geralmente, a reserva deve ser feita com muitos dias de antecedência ou, o que é muito mais comum: pagando a mais ‘por la izquierda’.

*Por la izquierda* ou por debaixo da mesa, como queiram, são alguns dos termos que o povo utiliza para significar os modos de burlar as leis. O ato de comercializar no mercado negro.

Na volta, procurávamos um estacionamento para deixar a moto que seria entregue no dia seguinte. Alguém na rua disse haver um de bicicletas e motos dentro de um prédio próximo ao que estávamos. Entretanto, quando passamos sob a sacada de um prédio e Alex parou, perdido, ouvi o grito de uma menina que acabava de aparecer à janela:

– Setenta e cinco!

Tento abstrair a indagação, sem nada questionar, mas a curiosidade persiste. Tomo coragem e pergunto a Alex:

– Por que aquela menina veio até a janela para gritar um número?

– Ah! Isso é comum... é que jogos da loteria são proibidos, mas isso corre ilegalmente. Quem tem antena ajuda os que não têm a saber. A cada bola sorteada sucederá o mesmo.



Antes de partir, Alex precisava verificar se seus sapatos tinham sido vendidos. Próximo da barraca, lamenta:

– Ih! Não vendeu!

– Como sabe?

– Olhe lá! Continuam pendurados.

Para sua surpresa, o feirante vendera ao menos um deles. Com os dez pesos conversíveis, comprou uma garrafa de rum por quase quatro chavitos e dividiu com seus amigos de *Pinar*, enquanto eu me despedia de Tati.

A mãe de Mário fala com lágrimas nos olhos sobre a distância que a separa de seu filho. Acredita que ele esteja mais feliz, mas que não é fácil viver assim. Como um último pedido, quer que eu tire uma foto dela junto de sua geladeira recém-adquirida. E entusiasma-se:

– Para que Mario veja! Ele vai gostar.

Nas lojas, todas as mercadorias são vendidas à vista, nada funciona a prazo. Porém, existe a possibilidade de o trabalhador fazer uma solicitação junto ao chefe, caso necessite de algum aparelho vendido a um preço inviável (tanto pelo valor exorbitante, quanto pelo preço em conversível), tendo em vista o quanto ganha em seu serviço. Se o governo concede a autorização, o funcionário sofre um desconto mensal no salário até quitar o valor da dívida consentida pelo Estado. No caso de Tati, 60 pesos cubanos, dos 340 recebidos, são retirados de seu salário todo mês para o pagamento da geladeira comprada dessa forma.

Quando chegamos ao centro e Alex negociava nossa volta à capital, percebi que selecionava alguns dos donos de carro que nos interceptavam para buscar a clientela do dia.

– Aquele me pareceu simpático, por que não vamos com ele?

– Veja, sabes que só tenho amigos negros: Mário, Danelle... portanto, não é nenhum preconceito. Mas, aqui em Cuba, há um dito que diz o seguinte: “negócios com negros, negros negócios”. Como já lhe disse, as estatísticas apontam os negros como maioria entre os delinquentes.

– Mas qualquer um pode ser malandro! Nesse mercado de táxis clandestinos, brancos e negros estão na mesma ilegalidade.

– Teu namorado é negro?

– Não. Veja quem você acha confiável, então. Deve conhecer melhor.

Lembro do preconceito externado por Salvador, alguém de poucos estudos; mas Alex, que pretendia, em breve, tornar-se um poliglota, punha em xeque qualquer tentativa de associar o preconceito ao nível de conhecimento de alguém ou de sua classe social. Talvez, no caso, a cultura exercesse uma influência muito maior. Uma sociedade que mantém muitas coisas como há muitos anos, o país que parou nos anos 50, dizem alguns, pode representar muito para a existência do preconceito tão explícito: erros do passado que, todavia, não foram superados. Parecem cristalizados como os carros e as casas desde meio século atrás.

Resolvemos parar por um momento e decidir qual transporte seria, então, o mais adequado para a volta: se com os táxis ilegais ou com o ônibus turístico. Senti sede, abri minha garrafa d'água e comecei a beber. No mesmo instante, uma mulher maltrapilha correu em nossa direção. Descabelada e descalça, em seu sorriso faltavam muitos dentes. Parada diante de mim, tentava dizer alguma coisa, mas eu ficava sem encontrar um sentido entre os ruídos emitidos. Parecia estar fora de si. Deu um jeito de se comunicar: com gestos que indicavam o objeto que eu segurava, percebi que tinha sede. Ainda que a água fosse pouca, entreguei-lhe a garrafa. Mas a mulher não se movia. Continuava a me fitar, como se houvesse esquecido de algo. Como eu não compreendesse sua espera, apontou para a tampa que permanecera comigo. Entreguei. Em seguida, fugiu em disparada. Lembro que ela não deixava de sorrir, em nenhum momento, mas eu não conseguia deixar de pensar em toda aquela cena. Por que uma vida em trapos estaria preocupada com o trivial? Talvez ela não agüentasse mais ver, ouvir e sentir que em tudo faltavam peças, partes. Pelo menos o que ela acabara de conquistar teria de estar completo. Perfeito. Ainda que isso não passasse de um mero objeto descartável: uma garrafa de plástico.

Decidimos, por fim, voltar com o motorista que cobrou a mais pela presença estrangeira em seu carro, como havia mencionado em outro capítulo. No Oldsmobile de 1960, voltava também uma bailarina do cabaré Tropicana. Essa casa de show ficou conhecida mundo afora, desde os tempos em que reinavam as máfias norte-americanas em Cuba – quando o dono da vez, na Pérola do Caribe, tinha o aval total da potência ao norte da ilha. Na época de Fulgêncio Batista, o ditador contra o qual os revolucionários lutaram, além da febre dos cassinos, Cuba era reduto de mafiosos e um pólo

de turismo sexual. Reconhecida, não por acaso, como o grande bordel caribenho. E o Tropicana era parada obrigatória no circuito da prostituição.

Há quem diga que a Cuba desprovida da ajuda soviética voltou a proporcionar aos estrangeiros dançarinas a bom preço, mas, segundo Dasmariis – a bailarina que acabara de conhecer – somente fora de seu país os cabarés são conhecidos como lugares de garotas de programa e, por isso, as dançarinas não são bem vistas.

– Meu namorado é espanhol e ele, por exemplo, não quer que eu continue trabalhando com isso, quando eu for para a Espanha.

– Quando você viaja? Vai morar por lá?

– Preciso completar um ano no cabaré, só depois eles me liberam para sair do país. Do contrário, não há carta de invitación que resolva. É como se fosse uma recompensa para o Estado, entende? Em tudo é assim.

Quem faz faculdade ou qualquer curso técnico deve passar pelo que classificam como serviço social. O formando se dirige ao Ministério do Trabalho para que os responsáveis decidam para onde irão destinar o novo trabalhador. Escolhem um lugar onde o Estado precise de gente, não se pode trabalhar onde quiser. Para ter o título reconhecido, dentro de Cuba, você deve trabalhar durante três anos para o local destinado pelo Ministério do Trabalho e eles pagam um valor menor do que o profissional que já tenha mais anos de firma.

– E quando completa um ano?

– Em julho próximo. Assim que completar, começamos a mover as coisas para a carta de invitación.

– Deve ser difícil namorar à distância.

– Não, porque ele vem sempre à Cuba.

– E como começa a trabalhar no Tropicana?

– Bem, todos precisam fazer um teste. Para isso, não é preciso ser formada no balé clássico, a única exigência é que tenha o suíngue necessário aos ritmos latinos. O examinador precisa perceber que você leva jeito, entende? Eu, no caso, fiz balé desde pequena, mas não é preciso.

– E como aprendeu a dançar todos esses ritmos?

Dasmariis começa a rir e declara:

– Ah! Pergunte ao seu amigo cubano como aprendemos a dançar desde pequenos. É muito tradicional.

– Ganha bem para isso?

– Recebemos um salário fixo de 600 pesos cubanos e mais um estímulo em divisa. O acréscimo fica em dependência da alta ou

baixa da temporada turística. Quando a temporada não é muito boa, ganho, no mínimo, 40 CUC, mas já cheguei a ganhar 140 pesos conversíveis, em tempos de casa cheia.

– E quanto custa para assistir a um espetáculo desses?

– A entrada no Tropicana é de 50 CUC, para cubanos e estrangeiros. Mas cada bailarina tem direito a reservar uma mesa por semana, de graça, aos seus convidados.

A população também tem a chance de ir, às vezes, em alguns bares e restaurantes caros mediante sorteios que acontecem nas firmas. Um funcionário é sorteado e pode almoçar no restaurante de um hotel, por exemplo. Mas também aí, alguns cubanos encontram a via de obter a divisa necessária para ocasião e, simplesmente, vendem o prêmio por um preço menor, é claro, mas ainda assim lucrativo, àqueles que possam comprar.

Quando o carro estava para cruzar a entrada de Havana, Alex chama minha atenção para que eu veja um outdoor. O rosto de Fidel aparecia estampado radiante e, ao lado da foto, os seguintes dizeres: *Vamos bien!* Outdoors como esse estão espalhados por toda a ilha. Sempre com mensagens de apoio à revolução ou contra a atitude opressora do governo ianque. Chegam a ser cômicos, ousados e criativos. No centro do Malecón, por exemplo, o presidente Bush empunhava uma assustadora metralhadora, com direito a respingos de sangue em sua face, que aparentava ser a de um criminoso. Como o anúncio de um filme que estivesse para estreiar, acima da foto aparecia escrito *O assassino* e, ao lado: “em breve nas cortes norte-americanas”.

Alex confessa que, sempre quando volta do campo e avista as primeiras placas indicando Havana, sente um alívio:

– Gosto de viajar ao campo, mas não por muito tempo, se aqui na capital as coisas já demoram a acontecer, te dá conta como são no campo? Transporte a cavalo, o comércio fecha muito cedo... Tudo te complica mais.

O motorista pára no terminal de ônibus e nos despedimos da bailarina. Caminhamos direto ao prédio do Ministério das Telecomunicações, onde fica uma das salas do *Correo de Cuba*. Alex estava ansioso para ter notícias, por e-mail, da papelada que esperava de seu amigo da França. Às quatro da tarde, o prédio estava todo escuro e não vimos ninguém na fila. Estranhando a ausência desta, ele pergunta ao guarda:

– O que passa com o correio?

– A conexão caiu às três da madrugada.

– *Gracias!*

Indignada com a passividade de Alex, pergunto por que ele não questionou o motivo de tamanha demora para a volta da conexão. Ao que ele me responde:

– Entenda uma coisa, meu amor, a explicação de tudo aqui é: ‘Hasta la victoria siempre!’ Já conhecemos todas as desculpas. Saímos rápido para evitar que a raiva aumente. Para você ver como *vamos bien!* E aquele cara-de-pau tem a coragem de dizer que vamos bem? Tem a cara mais dura do que o piso sobre o qual pisamos.

Passávamos em frente à Copélia quando Alex fez um convite:

– Vamos tomar um sorvete? Porque minha cabeça parece que vai explodir. Veja, não consigo me comunicar com ninguém da França há mais de uma semana.

– Claro. Calma, Alex. Mais tarde tentaremos de novo.

– Quero te pedir, também, para que não pergunte mais nada sobre a vida em Cuba, tudo bem? Isso da internet me deixou... ah! Chega!

Logo na entrada da sorveteria, diversos vendedores ambulantes ofereciam biscoitos para os que quisessem complementar a sobremesa. A Copélia é a única sorveteria em moeda nacional que oferece um ambiente agradável. Diferente, portanto, da má fama que têm os lugares onde o peso cubano é a moeda aceita.

Por sorte, não havia fila. Mas tivemos de dividir a mesa com um casal que já tomava o sorvete. A garçonete aparece e nos traz dois copos d’água. Detalhe: em todos os lugares onde a moeda de troca é o peso cubano, a água servida é a da torneira, já que a garrafa de água mineral custa em divisa. Fazemos o pedido e, como uma forma de compensar a demora que não tivemos pela inexistência da fila, o sorvete chega quarenta minutos depois.

A sobremesa é servida como um combinado: geralmente pedem de três bolas ou de cinco. Cada bola custa um peso cubano. Em todas as mesas, cada um pede pelo menos dois potes de três. Vemos uma infinidade de recipientes ainda que haja duas pessoas, apenas, para o banquete. E Alex, com dois potes de cinco bolas, explica:

– Quando cubano vem aqui, não é para pedir sobremesa. Um docinho. É para saciar-se. Substituímos nossa refeição pelo sorvete, que é algo raro em nossas casas.

Em geral, a Copélia serve dois sabores: morango e chocolate. Mas como havia acabado o sabor de morango, traziam do que tinham: coco. O cliente não recebia aviso nenhum, ou melhor, este chegava surpreendendo-o, assim que a garçonete colocava o combinado sobre a mesa. Enquanto o cliente olhava para a cor diferente do sabor que havia pedido, a garçonete já estava longe e ocupada com outras coisas, como lançando com toda sua força cadeiras que estavam espalhadas pela sorveteria, até que estas chegassem, não sem o barulho provocado pelo choque com as mesas, em seus devidos lugares.

Sáímos e chegamos a casa cansados. A mãe de Alex o esperava. Rosa estava inquieta e cochichou com o filho enquanto eu anotava algumas coisas. Alex me chama e confia:

– Patrícia, minha mãe acabou de contar que nesse fim de semana foi comprar leite e não encontrou em nenhuma *bodega*. Parece que os policiais apreenderam o leite do mercado negro. Estamos sem nada.

– Eu compro no mercado em divisa.

Há duas semanas dois caminhões levavam dezenas de caixas de leite destinadas ao abastecimento do mercado negro, presente em várias *bodegas* – armazéns exclusivos para as compras com a *libreta*. Entretanto, o boato, disseminado como um rastilho de pólvora pelos vizinhos de Rosa, é que ambos foram apreendidos e, por isso, ninguém encontrava mais a mercadoria para compra. O leite obtido de forma legal, com a *libreta*, passa a ser comprado de forma ilegal, pois, a partir dos sete anos, as crianças não têm mais direito ao leite. Passa a valer o iogurte de soja.

Um bailarino brasileiro que conheci quando visitava o Ballet nacional de Cuba, em Havana, esclarece sobre o novo produto que pode ser adquirido, via subsídio estatal, depois que as crianças completam sete anos:

– O iogurte de soja é muito bom para as crianças, mas todo mundo aqui o odeia, pois na época mais grave do período especial, a única coisa que eles comiam era a soja. Por isso, todos têm um trauma muito grande com esse produto. É possível comprar o iogurte dos sete aos quatorze anos de idade, pelo sistema legal das *bodegas*. E também pessoas que estão mediante a algum plano de dieta. Fora isso, ninguém mais pode comprar, mas, quando há excedente, ou seja, quando, ao final do dia, sobra iogurte, pois muitas pessoas não compram, eles te vendem a três pesos cubanos. Há dias que se pode comprar e há outros que não, depende também da paciência do

vendedor, de como foi seu dia... se ele está de bem com a vida, ele te vende, se ele não foi com tua cara hoje, simplesmente diz que não há e pronto.

Começa nossa corrida para as compras, pois já eram quase seis horas da tarde e podíamos encontrar os mercados fechados. Leite em pó, um pacote com quinhentos gramas, com a qualidade de “hecho em Cuba”, custa quase seis pesos conversíveis. Esse produto, quando não se tem crianças menores de sete anos em casa, apenas pode ser comprado nos mercados em divisa. Com particulares, faz parte do mercado negro dentro das bodegas – os tais que foram apreendidos.

Procuramos ovos, mas não havia no mercado. Antes de comprar com um particular, precisamos passar de novo na casa de Alex, pois tudo o que se compra em locais de moeda nacional não tem embalagem. Na Copélia, por exemplo, se o cliente deseja levar o excedente do sorvete, deve trazer um pote de casa. Abastecemos a bicicleta com várias sacolas plásticas e eu seguro um recipiente para os ovos. Alex pára diante da casa de um senhor e coloca no pote toda a mercadoria. Não sei como consegui que chegassem inteiros, após um trajeto em que tive de equilibrar o pote na garupa, sofrendo com as trepidações das ruas esburacadas de Havana. Deixamos os ovos e voltamos às ruas para a próxima etapa das compras.

As saladas, frutas, legumes e carnes, Rosa costuma comprar no mercado de particulares, localizado em seu bairro, Centro-Habana. São vendedores particulares porque pagam uma taxa ao governo e podem usufruir de todo o dinheiro arrecadado em suas vendas. O lugar chamava-se *Mercado Agropecuario, Animais e Soledad*. De certa maneira, era mesmo solitário andar por entre as barracas daquele comércio.

O salão era dividido em dois. De um lado ficava a parte provida pela agricultura e do outro a carne dos animais. As carnes ficavam sobre balcões de gesso esburacados. Moscas e clientes podiam tocá-las sem nenhum pudor. A carne de vaca é rara em mesas cubanas. O preço desta é o dobro das outras. Alex opta por cinco filés de carne de porco. Contando o quanto ainda tinha de moeda nacional, pergunto a ele:

– Quanto sai tudo?

– Cento e cinqüenta ou cinco pesos conversíveis.

– Toma.

O dinheiro cubano chega a parecer de brinquedo em uma simples compra. Qualquer parte do porco, do carneiro e do frango,

que pese quase quinhentas gramas (na medida deles isso equivale a uma libra) custa vinte cinco em moeda nacional ou um peso conversível.

Alex pega os cinco filés na mão, põe dentro da sacola e esta é amarrada ao guidão de sua bicicleta. Voltamos e, esquecendo-se do pedido que ele mesmo havia feito, começa a desabafar sobre a vida na ilha. Só então pude notar que Alex tinha um cacoete: falava piscando, de maneira sistemática, os dois olhos juntos.

– Eu me arrisco a dizer que nesse sistema não pode haver um trabalhador justo. Todos têm de roubar, ou que pedir emprestado as coisas ‘por la izquierda’.

– Mas você diz da corrupção até dentro dos estabelecimentos comerciais? Não consigo imaginar como seria o mercado negro dentro de uma cafeteria do Estado, por exemplo.

– É simples. Imagina que tu trabalhas em uma padaria. O que faz é comprar ingredientes a mais do que aqueles fornecidos pelo Estado e vender no mesmo ponto de venda. O dinheiro adquirido se reparte entre todos os funcionários e, logicamente, não se reporta ao governo. Isso é um negócio que se combina com os gerentes para que façam vista grossa e também ganhem com isso. Porque o gerente, afinal, também é cubano, ganha um salário oficial e precisa alimentar sua família.

– Mas não tem jeito de o Estado descobrir?

– Todos devem se proteger dos inspetores do governo. Há inspeções todas as semanas. Os inspetores, cabe ao gerente mantê-los afastados de seus negócios. Isso se conquista dando-lhes regalos: três libras de frango, uma garrafa de rum, pães, o que estiver ao alcance. E tudo em perfeita coordenação, porque senão, não é possível. Deve ser um acordo entre todos os funcionários do local. Há que viver por mentira, essa é a vida em Cuba, para que o fiscal não denuncie nada e não lhe imponha uma multa.

– Mas você já trabalhou em algum lugar desses?

– Claro. Eu trabalhava como funcionário de uma cafeteria em divisa. Também muitos inspetores chegam e dizem que vão fazer uma perícia, tratando de te assustar um pouquinho. Então, você o presenteia com latinhas de cerveja ou garrafas de rum. Percebe como é um sistema de trabalho que funciona mediante regalos?

– E como!

– Eles vêm e nos saúdam: “Oi, irmão, como estás?” E tu dizes: “Bem. Leve teu sanduíche e uma garrafa de rum, para tomar com tua família no fim de semana”. Porque, então, eles mais ou

menos fazem a vista grossa. É um sistema que está desenhado, consciente ou inconscientemente, para que o trabalhador deva roubar, tenha de fazer todas as ilegalidades para poder sobreviver.

Ainda que não houvesse ninguém por perto, Alex sabia que falava com alguém que pretendia publicar partes da conversa, então, gostava de frisar que todo esse comércio subterrâneo poderia ocorrer de forma inconsciente para que não falassem que ele transferiu toda a culpa para o governo. Como um insight de ponderação, acrescentava:

– Eu não quero dizer que estou em desacordo com esse sistema, que quero falar o que eles devem ou não fazer, o problema é que é a realidade da vida. Então, tu crês que em um sistema que funcione dessa maneira as pessoas trabalham como? Estressados, não trabalham com harmonia. Não há harmonia. Tu mesma viste na Copélia. Como trabalham as meninas de lá?

– Atiram as cadeiras.

– Claro, atiram tudo. É um mau serviço. Tu chegas a uma cafeteria e não põem um cinzeiro, porque como a situação econômica está tão mal, as pessoas roubam o que podem.

– Nos lugares de moeda nacional?

– Claro. Todos os cubanos já estão cansados disso e querem ir-se do país. Jovens, adultos, velhos e crianças. Os pequenos, sem falar, já mostram sinais de emigração, de sede de visto. É uma brincadeira, é claro, mas é como se nossas crianças já nascessem solicitando um visto na embaixada.

– Mas tem também as dificuldades que o governo e vocês enfrentam pelo bloqueio.

– As pessoas já estão com 80 anos e não querem pensar em socialismo, em Fidel, em Bush, a gente necessita é de trabalho, mas ganhando para isso, senão vai querer o visto mesmo. Porque você não pode passar toda a tua vida dentro de um sistema que sofre um bloqueio, porque tua vida vai estar bloqueada. Então, o que fazem a gente? Saem. De uma forma ou de outra, legal ou ilegal, a gente se vai. Porque aqui, há bloqueio também. Tu não podes ter isso, tu não podes ter aquilo outro. É o país do que não se pode.

Alex tem um laptop usado que conseguiu com um amigo fotógrafo que, por sua vez, comprou quando esteve na Espanha. Nas lojas, cubanos não podem comprar o computador completo. Vendem, apenas, aos estrangeiros que vivem no país: diplomáticos, geralmente. Ou, então, algumas peças separadas, como o mouse, o monitor, peças de reposição, a máquina toda não se pode. As casas

também não podem ser vendidas, o que é aceito é o esquema de permutas, sem acréscimo em dinheiro. Porém, na prática ocorre, sim, a troca de moradias de valores e proporções desiguais e, por isso, uma permuta que envolve o que o Estado não permite: o lucro.

– Se alguém trabalhou oficialmente em outro país e tem dinheiro para comprar um carro, deve fazer uma solicitação ao governo para poder comprá-lo. E de segunda mão. Não que seja importante ter um carro, mas são as limitações. O laptop, por exemplo, não sabes o problema que tenho com ele? Por quê? Porque como o governo não deixa comprar, precisei comprar um usado. Isso é ridículo, viver assim é viver num... Não! Isso é ridículo, pára!

Quando penso que Alex já havia desabafado tudo, ele continua:

– Porque falam da educação, da saúde, mas não se pode só estar mirando a parte boa. E a outra? Dão-me um beijo por aqui, mas pelo outro lado me golpeiam? Por isso a gente, a juventude muito se estressa, já estamos cansados do mesmo discurso para justificar os problemas de sempre do sistema. Porque eu mesmo, se sigo aqui, imagine, o que vou fazer? Oitenta anos e ...

Ele se curva como um velho e complementa imaginando sua vida aos 80 anos:

– “Patrícia, te lembras? Ainda seguimos com o bloqueio dos Estados Unidos contra Cuba. Te lembras do velho laptop? Ainda não pude comprar um novo. Ainda não tenho dinheiro para reformar minha casa, por causa do bloqueio dos EUA contra Cuba”. Não pode desenvolver sua vida, não só por você, mas porque o entorno limita tuas possibilidades. Eu me sinto limitado e não posso seguir deixando que bloqueiem minha vida. Se vives numa casa que está caindo, sabes que o teto pode cair e tens a possibilidade de comprar outra, compra. É o mesmo que a situação neste país. Se te cai o teto, tu não podes fazer nada, tu tens de ir, de se mover. Tens de seguir tua vida. Se um cubano anda com os estrangeiros percebe como se vêem reis. Eu conheço um turista que diz “Não, em meu país eu sou normal. Aqui? Eu sou rei”. Porque se sente, entende? Há muitos problemas que se notam e, por isso, os cubanos andam com a auto-estima baixa perto dos estrangeiros. Numa Universidade de Informática despediram alunos que eram administradores das salas e vendiam contas de internet para poder viver. Isso saiu pela televisão. Vendiam o acesso à internet e vendiam contas para ter dinheiro. Não só de pão vive o homem.

De noite, fomos à casa de um amigo de Alex, onde ele havia deixado seu computador para arrumar. Deixamos a bicicleta num estacionamento e quando chegamos diante do edifício esperamos para ver se ele aparecia à janela e nos via. Não funcionava a campainha. Alex ia ligar de seu celular, mas vimos que chegou alguém do prédio. O homem tentava abrir a porta de três metros de altura e nada de conseguir. Chegou outro morador e tentou abrir com a sua. Junto a empurrava. Também não conseguiu. Chegou ainda outro que tentou abrir com a chave, enquanto os outros dois tentavam empurrá-la. O terceiro desistiu e foi caminhar pelas ruas, avisou que mais tarde voltava. Eu e Alex olhando toda a cena e nada a fazer, sem que seu amigo aparecesse à janela. Até que, de repente, quando os outros dois moradores ainda tentavam abrir a porta, conseguiram. Subimos um degrau muito alto. Parecia um monumento de gigantes: pé-direito imenso e pessoas pequeninas dentro dele. Logo na entrada, um elevador, quebrado, parado no térreo. Era um daqueles com armação de grades de ferro. O andaime do aparelho estava coberto de poeira. Ao lado, uma escada muito estreita em espiral nos conduzia aos apartamentos. O aconselhável era subir um por vez, mas, enquanto subíamos, três moradores, grudados à parede, se equilibravam nas pontas dos pés para abrir passagem aos que subiam. Assim que entramos, o amigo deu a má notícia a Alex:

– Ainda não tive tempo de arrumar. Esta semana está corrido lá na revista.

– Tudo bem, me ligue quando puder.

Descemos e Alex agrega mais um nome à sua coleção de como se vive em Cuba:

– Aqui há que viver de favores. Se eu pudesse pagar um profissional, não teria essa dor de cabeça. Mas não, preciso depender de amigos. E ele tem suas correrias também.

Perto de sua casa, assistimos a uma luta fenomenal entre um policial e um indivíduo que tentava entrar num ônibus lotado. Algum grave transtorno o cidadão causou e os policiais, de guarda no local, intervieram para que o ônibus seguisse viagem. Havia uma multidão que já se aglomerava em torno da briga e, em meio ao silêncio provocado pela inusitada cena, ouço o grito fatídico e explicativo de tudo:

– *Hasta la victoria siempre!*

O responsável por bradar a célebre frase de Che Guevara é ovacionado.

Mais um dia acaba em Cuba e vejo tudo permeado pela política. Parece que falo de qualquer civilização, mas não, é incrível como na ilha a política está presente em cada passo de seus quase 12 milhões de habitantes. Tudo. Desde um simples outdoor até o desabafo irônico de um cubano, ao presenciar a luta entre os que guardam a ordem no país e aquele que apenas queria chegar, mais cedo, a casa.

– Em Cuba, vais ganhar muito mais não gravando que gravando. Isso põe medo.

Apontando para o gravador, Elias, o historiador cubano conhecido perto da casa de Rosa, inicia nossa conversa com um conselho.

*A Callejón de Hamel* é uma estreita e pequena rua do bairro de *Centro-Habana*. Nela, todos os muros das casas foram pintados e inspirados na cultura afro-cubana: repleta de máscaras e cores. A pintura divide espaço com dizeres imbuídos de certa essência catártica e ao bel-prazer do artista Salvador – o ilustre morador de *Hamel*. Busco um sentido para o nome *Callejón* no dicionário espanhol e encontro sua tradução para o português: beco.

Os tanques d'água sobre as casas também foram trabalhados. Em todos eles, Salvador registra um dos principais problemas em Cuba: o precário abastecimento de água, principalmente nos bairros marginais, como são conhecidos em Havana os bairros mais simples, característica à qual o de Centro-Habana não se furta. Enquanto em um tanque o registro é água gotejada, no outro, aparece escrito água sem limite. Mais uma vez, realidade e sonho lado a lado.

Aquele que fica responsável por apresentar aos turistas a galeria, uma pequena casa destinada para a exposição das obras do artista, e esclarecer um pouco da história daquele local é o meu entrevistado Elias. Aos 31 anos, conta como começou seu trabalho na *Callejón*:

– Comecei em maio de 2000, quando Salvador estava no estrangeiro e sua filha trabalhava por ele. O menino que ocupava meu lugar também estava fora. A filha de Salvador tem um excelente nível cultural e seu assistente também o tinha, mas logo este decidiu seguir por conta própria e eu passei a ocupar seu posto desde quase sete anos.

– Como conheceu Salvador?

– Ele começou a escrever o que queria e a pintar nesses muros em meados dos anos 90, quando passávamos pelo período especial. O presidente do CDR dessa quadra brigava com ele, quando passei por aqui. Eu ouvi toda a discussão. Salvador estava bravo porque tentavam impedir sua arte.

– E então?

– Então, voltei outro dia e apresentei Salvador com um livrinho de frases de Fernando Ortiz, um grande poeta cubano. Depois, voltamos a nos encontrar quando ele voltou dos Estados Unidos e eu ajudava sua filha, num momento em que estava sozinha. Um dia, quando precisaram de alguém para apresentar os grupos de Rumba em inglês, eu me ofereci para anunciar e Salvador ficou surpreso, já que seu assistente não dominava muito o idioma. Assim, fui convidado a trabalhar aqui.

A *Callejón* atrai muitos turistas. Não apenas pelos desenhos e frases dos murais, mas também pelos grupos de Rumba – ritmo afro-cubano – que se apresentam todos os domingos, no meio da rua. Na galeria, vendem pequenos e grandes quadros pintados pelo artista, CDs de cantores cubanos e dos grupos que fazem seus shows aos domingos.

– Com esse trabalho imagino que ao menos consegue a divisa com o que vende aos estrangeiros.

– Claro. Primeiro, tenho sido sempre metade prático e metade sonhador. Uma professora minha que me disse: “Na vida há que ser metade prático e metade sonhador”. Porque muito prático, ficas vazio, muito sonhador, não tens o que comer. A mim, me encanta o espiritual, mas também me agrada o dinheiro.

– O que fazia antes de começar seu trabalho na *Callejón*?

– Trabalhei no pólo científico de Havana, com meu técnico médio em refrigeração. Mas me saturei, senti nojo do sistema de trabalho cubano. Para mim, desculpe pela palavra, “*es una mierda!*”. Qualquer um que conhece se dá conta de que é um sistema que te explora, sob o símbolo do socialismo, que te caça, sob o símbolo do socialismo. De que adianta eu fazer minha parte se chego a casa e tenho fome? Eu era um dos melhores trabalhadores, mas, ao final, quando tive alguns problemas, não teve sindicato e nada que me salvasse. Ou seja, me frustraram e me despedaçaram até o último.

– E por que precisou sair deste trabalho?

– Tive problemas porque eu não freqüentava as atividades políticas. Saí e resolvi estudar um ano para me tornar um sacerdote, mas o fato é que eu gosto muito das mulheres e tive de deixar a igreja também. Resolvi começar uma nova vida em busca de conhecimento e, aos 25 anos, iniciei minha licenciatura em história, já trabalhando na *Callejón de Hamel*.

– Antes ou depois da licenciatura, fez algum outro curso?

– Sempre gostei de entender as religiões, mas queria me especializar em religião afro-cubana porque sabia que não havia

ninguém por aqui que se especializara para explicar melhor aos estrangeiros interessados pelo tema. Não fiz nenhuma pós-graduação, minha “pós” especial é na vida. Leio todas as revistas sobre antropologia e acredito que fiz esse curso por minha conta. Li muito para fazer um trabalho de investigação, sobretudo da cultura afro-cubana. Esse tema é o meu preferido.

– Mas por que considera o sistema de trabalho explorador?

– Porque não dá o valor que realmente tens. É um pouco complicado isso, porque é um sistema que te ajuda em seu desenvolvimento profissional, mas, por sua vez, o salário real de 20 CUC, por exemplo, é muito complicado. Por isso não quero trabalhar com o governo. Dão um salário que não te satisfaz nas necessidades básicas, não pensando no luxo. A vida real é mais cara e necessita de mais dinheiro do que realmente ganhas. São duas moedas com uma disparidade demasiado grande. O peso conversível é muito caro pra gente.

– Soube que também vocês precisam gastar muito em peso conversível.

– Uma pessoa que tem um dos salários mais altos, 20 CUC – vamos pensar no conversível – isso não se pode gastar em um dia com quase nada. Gasta sem ter dinheiro para mais nada e sem haver resolvido seus problemas essenciais, não o luxo.

– Percebi como uma simples compra pode acabar com todo o salário oficial.

– *Por supuesto!* Os transportes, por exemplo, para mim são muito caros. Há os que têm permissão do Estado para transportar somente cubanos, pelo preço de 10 em moeda nacional. Mas para um salário cubano é muito caro porque é uma proporção alta, me entende? E há vezes, em que não vêm estes, só os táxis ilegais, que não aceitam cobrar a quantia dos táxis para cubanos porque não lhes convêm, não compensa levar por baixo preço, tem de ser por um dólar, dois dólares... já que a gasolina é cara – em conversível – e também porque correm o risco de serem apanhados pela polícia.

– E para sair no fim de semana, se gasta muito?

– Eu, para sair com alguém, gasto, no mínimo, em lugares responsáveis, 20 pesos conversíveis e “*me quedo corto*”. E os lugares mais interessantes assim, gastamos, no mínimo, 5 CUC cada um, com direito a uma bebida ou duas, dependendo do local. Há lugares que não te dá para mais nada – é 5 de entrada. Há alguns que são 10 pesos conversíveis *open bar*, mas não de tudo. As bebidas mais incrementadas, como o *mojito*, não.

– Vê alguma saída para eliminar as dificuldades desse sistema?

– O melhor que há no sistema capitalista são as oportunidades. À parte isso, te exploram também. Por isso que aqui falta mais liberdade para a iniciativa privada e que não se tenha medo a que as pessoas tenham dinheiro. Já as pessoas estão acostumadas a ter diferenças, porque não é o mesmo uma pessoa que vive em *Miramar* e em *Centro-Habana*. E ainda em *Centro-Habana* há pessoas que estão mais perto do turismo e outras menos, em que se nota uma diferença.

– Claro. Aqueles que têm suas casas sem perigo de desabar, geladeira mais farta, mais oportunidades...

– Uma pessoa que pode tomar todo dia uma cerveja... olha, uma cerveja todos os dias não todos os cubanos podem dar-se a esse luxo, porque custa um dólar a mais barata. E um dólar é 25 pesos cubanos. Muitos deles em vez de tomar uma cerveja vão à feira e compram 25 pesos de comida: salada ou legumes. A carne, então, um filé custa o mesmo que uma lata da bebida.

– Mas o que poderia ser diferente?

– Se você dá possibilidades ao particular, para fazer coisas e lhe taxa com um imposto, elimina que este particular recolha tanto dinheiro, ou seja, tu lhe dá oportunidade e aquele cria e resolve um problema da sociedade que o governo até agora não resolveu. O transporte, por exemplo. E tu lhe dizes: “Bem, todos que tenham carro podem ser taxistas” e o preço se estipula à parte. Agora, se tu persegues os motoristas que trabalham como taxistas sem permissão, se lhes põe multa, os preços vão subir porque ninguém quer arriscar-se, fazê-lo por pouco, sem valer a pena.

– Muitas vezes precisou de transporte e só encontrava os clandestinos?

– Há vezes em que tu dizes: ‘Eu quero sair daqui, não importa quanto me cobrem porque tenho dinheiro’. E, no entanto, não há táxi. Houve muitas vezes em que eu, com dinheiro na mão, não pude pegar um táxi. E num ônibus eu não monto porque a mim não me agrada. Ou seja, é uma dificuldade que eu penso que se lhe deve dar muita abertura às pessoas, aos particulares, para que se eliminem problemas. Eu sei que isso pode trazer outros, mas também o turismo trouxe problema em seu momento. Isso está escrito e ele diz sobre isso em algum discurso.

“Ele” quer dizer Fidel Castro. Comenta que o comandante havia dito que o turismo traria males à sociedade, como trouxe a

prostituição mais generalizada. Elias segue, sem eu nada perguntar, com exemplos nebulosos na área da saúde:

– É muito complicado. Tu não podes operar a um paciente, no caso dos doutores, que quando precisam sair, em pleno calor sufocante de julho, recorrem a uma bicicleta para poder transportar-se. Não obstante isso, o povo cubano há resistido e admiro muitíssimo essas pessoas que ainda com todos estes problemas cumprem com suas obrigações e seus trabalhos. Vão às escolas, se fazem de doutores, de *maestros* e com todas essas carências, todavia, eles trabalham porque têm uma espécie de consciência que se há criado de que necessitam fazê-lo.

– Mas também há os que desistem da profissão, já que ganham mais trabalhando com o turismo, não?

– Há pessoas que têm um milhão de preocupações porque dedicaram toda uma vida, deram tudo de si e, sem embargo, têm problemas na hora de receber o elemento material. E muitas destas pessoas, que não têm nenhuma diferença política com o país, optaram por viver em outros países ou, quando lhes dão a oportunidade de ir, ficam por lá e ajudam a parte da família que ficou.

– Percebi que aos que ficam a saída é o mercado negro.

– O que se cria agora é um grande processo corruptor. Então, se eu sou dentista, o que faço é roubar os materiais para que se venha um amigo meu, eu lhe ofereça um bom trabalho em troca de peso conversível. Quem não tem dinheiro se molesta porque não recebe o mesmo tratamento. O que passa é que se há alguém que te dá dinheiro, vai passá-lo na frente de todos e isso cria um descontentamento geral. Penso que todas as autoridades competentes devem analisar porque se tornou um sistema que a ninguém importa, afinal, não recebem um bom dinheiro para isso.

– Quer dizer, também, do desleixo com os locais públicos?

– O problema é que o governo nos acostumou com a gratuidade. Tudo grátis. E há pessoas com grande consciência social, mas há pessoas que não. A quem não importa que eu destrua uma escola porque em definitivo não é minha, nem eu tenho que pagar por isso, ou o que pago é uma miséria. Então, este sistema de gratuidade é muito bom, não? Porque possibilita o acesso a ele a mais pessoas, mas também é relativo porque não existirá uma consciência para com este lugar. Por que quando uma criança rompe uma janela, a diretora não lhe impõe uma multa? Penso que assim ninguém quebraria mais nada. À custa de manter os programas

sociais alcançados, têm-se cometido muitos erros pelos revolucionários, dados por muitos fatores. Mas o grande mérito que isso tem é que todos estes programas, todavia sociais, estão de pé. Com mais carência ou menos carência, dando mais abertura em alguns setores e a outros não e sobre todas as coisas temos cometido um erro principal.

É nessa parte que Elias pega o gravador e aperta o botão do *stop*. Continua seu raciocínio, mas, agora, volto a contar tão somente com minha memória. O maior erro considerado por ele é o empenho na propaganda internacional, na assistência a outros países, quando o governo cubano não solucionou as próprias dificuldades. Na Venezuela, por exemplo, em troca do petróleo, mandam médicos para o exercício da boa e gratuita medicina às regiões mais carentes daquele país, enquanto em Cuba a medicina para ser boa deve ser quitada na moeda que poucos ganham de maneira lícita.

– Acha que os cubanos devem ter mais consciência das dificuldades que o governo enfrenta?

– Sim. Na saúde, por exemplo, reclamam da falta de medicamentos adequados. Não há uma consciência de que o Estado investe muitíssimo dinheiro nestas coisas. Ainda que tenha muitos defeitos por um lado, por outro, investe muito dinheiro para tratar de obter os materiais necessários, que não serão os do mercado mundial, mas são os que o governo tem conseguido obter.

Elias esclarece que esta carência de equipamentos e remédios diz respeito, entre inúmeras outras coisas, ao bloqueio. Cuba precisa comercializar com países mais distantes, como os europeus e asiáticos, e acaba gastando mais nesse comércio, enquanto poderia economizar com o transporte das mercadorias – para citar pelo menos um obstáculo ocasionado pelo embargo econômico –, caso não existisse o bloqueio dos EUA e estes dois países voltassem a comercializar entre si. Algo que facilitaria nas despesas pela proximidade.

– Então, assim como te falo de uma forma negativa, também tenho que lhe falar de uma forma positiva, porque há coisas que o governo está fazendo e nós, por nossa carência material, não vemos e o criticamos constantemente. Sim, este sistema ocasionou muitos erros, mas também tem as coisas positivas. São pequenas coisas que são importantes e que se anulam por todas estas carências econômicas e pela má definição da economia deste país.

Elias pensa, mede suas palavras e resolve complementar:

– Não sofremos apenas do bloqueio externo, mas o bloqueio interno é o que mais nos molesta. Aquele que é não tratar bem a um cubano, não deixá-lo alugar um quarto de hotel, abuso de poder, pegar as coisas boas e reservá-las para ti – o turista – o governo te dá isso. O problema é que há muitas arestas na sociedade, que hoje em dia há que analisá-las...

Nesse momento, estava de pé, diante de Elias, e começo a sentir uma sensação de desmaio. Nunca desmaiei, mas tive a impressão de que estava prestes a apagar pela primeira vez. Tentei resistir, mas acabei confessando a ele que não me sentia bem. Elias pede para que eu sente e explica:

– Calma, é a água, todo estrangeiro passa mal. Assim que se sentir melhor, volte para casa e durma. Está aqui perto?

– Sim, a duas quadras.

Em instantes minha visão voltou ao normal, mas a indisposição e o frio, apesar do calor daquele dia, não passaram. Enquanto voltava à casa de Rosa, vi um fio de fita enrolado, esticado e jogado na rua. Mais adiante, um barril de metal verde-claro. Todo desbotado e enferrujado, tinha como apoio suportes de ferro, que afundavam o asfalto. Em uma das tampas havia uma torneira e é por meio desta que muitos sem água em casa conseguem abastecer algumas garrafas. Sinto a tontura voltar e um vizinho puxa uma sacola de sua sacada assim que outro moço, que acabava de passar pela rua, depositava algo dentro dela.

Rosa abre a porta, subo até o quarto – na verdade, um mezanino feito de quarto – e, como não queria perder nenhum momento da viagem, tento transcrever um pedaço da entrevista gravada com Elias. Não consigo. Tento ler algum livro sobre Cuba e a fraqueza aumenta. Desisto e resolvo dormir.

No dia seguinte, volto à *Callejón* e Elias atendia alguns franceses. Aguardo por um tempo e logo retomamos nosso bate-papo. Tento lembrar qual assunto foi interrompido por aquela súbita tontura, mas não estava segura. Ainda assim, pergunto:

– Falava dos problemas criados nessa sociedade?

– Posso te dar um exemplo que diz muito sobre o tamanho do nosso problema. Existem pessoas que ganham muito pouco e, sem embargo, vão à biblioteca, pedem livro e tratam de estudar. São excelentes pessoas com conhecimentos geniais e, às vezes, não têm o que comer ou comem o básico. No entanto, há outros que têm todos os recursos e não o fazem. Eu, até muito pouco, estava numa esquina, conversando com alguns amigos e um deles comentou: “Eu

não quero trabalhar para o governo”. Perguntei-lhe o porquê dessa decisão e ele respondeu que queria trabalhar com o turismo, a fim de ganhar dinheiro. Como já lhe disse, há que ser metade prático e metade sonhador, mas quando quis saber se ele estava preparado para trabalhar com o turismo, sabe o que respondeu?

– O quê?

– “Não, eu faço qualquer coisa”. Então, continuei o interrogatório querendo saber se dominava, pelo menos, inglês ou francês, mas ele afirmou que não. “É graduado na universidade?” outra vez, a resposta era negativa. A conclusão é que até um curso técnico ele não o tinha e, com raiva, fiz a última pergunta: “Então, que *carajo* tu queres trabalhar?” Sabe qual foi a resposta?

– Qual?

– “Limpar o chão”. Atenção para isso! Ele respondeu: “não, quero limpar num hotel que ganho mais que sendo doutor”. Atenção para até onde há sido prejudicial esse problema econômico. Imposto por várias causas. Veja até onde leva a estupidez de cada pessoa! É uma relação que às vezes se dá, não é a tendência geral, mas são casos muito mais comuns, em que pensam que limpar um hotel possa trazer mais orgulho do que estudar.

– Soube dos problemas com o ensino também, parece que os professores são muito novos e não são mais especialistas em determinada disciplina. É isso?

– É sim. E isso é uma coisa muito negativa, também. Em vez de o professor se especializar em uma matéria, ele tem de dar conta de todas. Há também o problema dos *maestros* emergentes, que, então, substituem qualidade por quantidade. Uma coisa muito negativa. Se até eu, que sou formado em História, tenho minhas deficiências, imagine um aluno imaturo, então?

Alunos do pré-universitário (o equivalente ao colegial) são preparados durante um ano para lecionar na secundária (que corresponde ao ginásio), nível em que as classes foram transformadas em teleclasses. Essas recentes mudanças no ensino fazem com que a qualidade de uma das maiores conquistas sociais, a da educação, passe a ser outra. Enquanto isso, muitos professores são mandados para a Venezuela, como parte do intercâmbio entre os dois países. Um dos motivos da emergência de jovens professores se deve à substituição que o governo precisava fazer pelos mestres que foram trabalhar em outros países.

– Pode ser que no futuro haja excelentes resultados, mas o problema é que, todavia, os resultados mais imediatos são negativos.

Inclusive agora, nos hospitais, muitos médicos são novos, não sabem, não conhecem, são estudantes e há outros muito bons que se foram para outros países estudar e trabalhar. Então, estamos sofrendo isso também. Coisas positivas e negativas como ocorrem em todos os países.

– O que representa Fidel para ti?

– Veja, é difícil. Fidel para mim representa um tipo muito inteligente, de muito valor, que em seu tempo fez uma grande façanha e conseguiu uma luta muito importante para o povo cubano, a fim de eliminar os males do capitalismo imposto a Cuba e dessa dependência total: econômica, política e social dos EUA. Este senhor pôs em prática os planos sociais mais importantes da América Latina. Uma mente excepcional. Um grande orador, grande político, utiliza a demagogia de uma forma tão interessante que pudera ser um demagogo positivo. Mas, ao final de tudo, é um político. Que não está isento dos males dos políticos. É muito difícil dar-te minha opinião porque realmente, agora, neste momento em que estou falando não tenho uma opinião real que possa definir esta pessoa. Fez coisas muito negativas e coisas positivas, ações que se podem justificar e ações que não se justificam. O interessante neste senhor é que ajudou de forma excepcional a que o homem se desenvolvesse em seu rol intelectual, mas, por sua vez, se fechou num só sistema, por isso é muito contraditório. Nele se encontram as idéias de Gandhi, de Bolívar, de Martí, mas também se podem ver coisas de Stálin. Ele tem sabido lutar, apesar de todas as coisas negativas, contra uma grande potência muito importante do mundo, a 90 milhas daqui, e tem sabido jogar muito bem as fichas da vez. Uma pessoa que se medir os prós e os contras estaria no mesmo nível.

– Costumava assistir aos discursos de Fidel?

– Nunca, eu sempre os li, sempre li para analisá-los, desde pequeno. E se os lê se dá conta de que ele é muito contraditório, porque há muitos discursos em que diz uma coisa e depois em outros, outra. Mas isso é normal porque devemos nos adaptar, é como na *santería*. Porque hoje seu Deus é Xangô, mas amanhã quem lhe protege é Oxum. Por quê? Por determinadas coisas. E assim também funciona na política: ‘Hoje estou com papai, amanhã estou com mamãe’, porque a coisa mudou e a política e a natureza não estão a teu favor, estão em contra e há que cambiar-se com isso.

– Como é trabalhar com Salvador?

– É como trabalhar com um artista. Um artista tem grandes qualidades como todas as pessoas, mas também tem grandes

defeitos. Eles têm grandes qualidades porque são sensitivos, porque vêem um mundo diferente e te ajudam a desenvolver como ser humano. Desenvolve tua espiritualidade, pois quase todos os artistas são muito espirituais. O importante é que te ajuda a trabalhar o social, a trabalhar na comunidade, a aprender que cada pessoa tem seu valor, desde o ambiente mais elitista até o ambiente mais marginal. E isso é o que tem me ensinado este lugar. Aqui se dá conta de todos os aspectos positivos e negativos da sociedade. Encontra o louco, o marginal, universitários e pessoas de várias partes do mundo. É outra universidade, a universidade da rua, que é muito bonita. Aqui aprendes a identificar quem é ladrão e quem não é, se dá conta das diversas relações sociais nos diferentes subgrupos, de uma sociedade que tem importância mundial.

– Compro televisores ruuuusos!...

- ...e vendo os *chiiinos!*

O pregão na rua de Rosa é constante. Já virou uma espécie de despertador para os moradores, pois os anúncios aos gritos começam desde muito cedo. O sossego só retorna quando o comerciante anônimo resolve dobrar a esquina. Se bem que sempre há outro e mais outro pregão depois do primeiro. Raras são as manhãs em que Havana mergulha num silêncio absoluto.

Estamos em 10 de fevereiro de 2007, quando começa o último fim de semana de minha viagem. Também nesse dia, o aniversário de Rosa. Penso no vendedor ambulante e pergunto:

– Por que o homem da rua disse aquilo?

– Ah! Isso é porque na época do campo socialista, os televisores que chegavam eram russos, mas agora, o governo quer trocar pelos chineses.

– E qual o motivo da troca?

– Os russos são em preto-e-branco e gastam muita energia.

Para incentivar a troca, o Estado recebe o aparelho antigo e vende o chinês por um preço mais baixo, se comparado aos do mercado. Os chineses são muito bons e têm até espaço para DVD. Nas lojas, custam trezentos e pouco em divisa. Mas nessa região é raro alguém que ainda tenha uma televisão russa, isso só em lugares mais afastados ou no campo. Esse homem o que faz é trocá-la com o governo e ganhar em cima da venda para terceiros.

Rosa tem cabelos longos e tingidos de ruivo. Gosta de aparecer cada dia com um penteado diferente. Adora festas e, no dia da sua, todos os amigos contribuem como podem. Janet, uma das vizinhas mais abastadas – funcionária de uma agência de turismo -, já encomendou o bolo de outra amiga e deu a Rosa o frango recebido pela *libreta*. Como vive com seu filho e a carne subsidiada pelo Estado é de meia libra por pessoa (pouco mais de duzentos gramas) Rosa recebeu mais duas coxas de frango. Mayra, uma vizinha mais humilde, vive de vender croquetes aos conhecidos. Para a festa da amiga, não poderia deixar de levar alguns.

O banquete definido e preparado pela aniversariante é arroz amarelo com frango. Além de saladas que, na dieta de Rosa, nunca podem faltar. Ela se anima porque também seu padrão cede as duas coxas de frango obtidas por viver com sua mulher, xará de minha

anfitriã. É somente nesse dia que Rosa conta como consegue sobreviver atualmente:

– Manolo é meu patrão. Mora aqui nessa casa de esquina. Irá conhecê-lo. Antes, limpava a casa dele uma vez por semana e ganhava dez chavitos por dia. Mas agora só me chama duas vezes ao mês porque sua filha vai viver na Espanha. Ele precisou cortar os gastos, me entende? Uma ótima pessoa, muito bom para mim. Às vezes, me convida para almoçar em sua casa ou tomar café. Ele me ajuda como pode.

– Alguma vez trabalhou para o Estado?

– Claro, meu amor. Essa casa mesmo eu ganhei de um amigo do serviço. Era um senhorzinho muito bom. Quando foi viver fora de Cuba, deixou a casa para mim. Sabe que aqui, é uma casa por família, se não fosse isso, até hoje estaria morando com minha mãe e meus dois irmãos.

– Mas onde trabalhava?

– Fiz um curso de datilografia para trabalhar em uma empresa que precisava de uma datilógrafa com noções de contabilidade. Teve até teste para entrar. Trabalhei dezesseis anos e resolvi pedir as contas. Não compensava esperar para me aposentar.

– Depois começou a trabalhar na casa de Manolo?

– Não, meu coração. Trabalho para ele desde agosto do ano passado, isso é recente. Antes, o que eu fazia era vender doces, pizzas, tudo o que me pediam e eu pudesse fazer. Vendi muitas coisas para arrumar essa casa, não sabe como isso estava! Mas o negócio foi caindo e a sorte foi aparecer Manolo. Assim é como muitos vivem aqui.

Rosa sabia do meu interesse em conhecer a *bodega* – o armazém já citado em outro capítulo, onde cubanos obtêm os produtos da *libreta* – e lança um convite:

– Preciso ir até o armazém, me acompanha?

– Claro, mas eu posso? Será?

– Não comente nada, apenas olhe porque depois eu lhe explico tudo, senão o *bodeguero* pode ficar desconfiado.

Andando pelas ruas do centro de Havana, vejo cestos de lixo tombados ou sem as tampas. O ferro das janelas corroído de tal forma que a superfície emerge como a massa de um pastel. Tudo pode se esfarelar com um simples toque. Há bolhas que se desprendem da pintura que um dia tiveram e, em seu lugar, uma crosta de ferrugem, buracos, material vencido. As casas têm a pintura de anos e os estragos de anos, também. Sacadas com risco de

cair. A todo o momento, o discurso era muito parecido. Não importava com qual cubano andasse, o alerta consistia no seguinte:

– Não ande sobre a calçada, acredite! Aqui, o mais seguro é a rua. Essas sacadas perigam desabar a qualquer instante.

Chegamos à *bodega*. O vendedor estranha minha presença e, resabiado, pergunta a Rosa:

– O que queres, hoje?

– Nada, *papito*! Venha cá. Preciso saber um negócio.

O homem se aproxima e ela lhe confia:

– Já chegou o óleo?

Rosa não fala, balbucia. O *bodeguero* olha para os lados e segue o exemplo:

– Não, meu amor. E não sei quando.

Minha anfitriã se referia ao óleo pela bolsa negra – outro termo para o comércio ilícito –, pois o da *libreta* não vem em quantidade suficiente: meia libra para cada pessoa da casa. No mercado oficial, o óleo ‘*por la libre*’ pode ser adquirido por dois pesos conversíveis, enquanto por debaixo dos panos se consegue por vinte em moeda nacional.

Enquanto Rosa se punha a par da escassez do mercado negro, reparo que a porta sanfonada de ferro, presente em todas as *bodegas*, chegou ao mesmo estado de deterioração das casas e instituições que a revolução não consegue preservar. Em regiões litorâneas há um agravante: a salinidade vinda do mar contribui e muito para o processo de corrosão dos metais e acelera a urgência da reforma. Demanda esta que, todavia, não consegue ser atendida. Há, ainda, um traço comum entre todos estes mercados estatais: a aparência de um local onde coisas escusas acontecem, já que abriga um ambiente escuro e pequeno, onde todos arrumam um jeito de cochichar com o solitário vendedor, a fim de estabelecer negócios instáveis.

Da *bodega* seguimos para a casa de Manolo: um lar enorme, com cadeiras de balanço e cheio de enfeites coloridos. Rosa apresenta seu patrão:

– Esse é Manolo.

E, dirigindo-se a ele:

– Ela é jornalista, veio fazer um trabalho sobre Cuba.

Converse com ela.

O chefe de Rosa é alto, forte, tem cabelos grisalhos e usa óculos. Um homem de meia idade, que esbanja charme. Gosta de ser hospitaleiro e é muito afetuoso. Manolo nos serve torradas com

queijo suíço e prepara drinques de *Cuba libre*. Sentado diante de mim, começa a relatar o que acredita ser de meu interesse:

– Eu também trabalhei como jornalista. Fui o diretor de um programa de rádio em Havana durante cinco anos. Mas desisti. O que passa é que não tem graça ser jornalista em Cuba. Veja, apenas deixam publicar o que os superiores, as pessoas do partido, permitem. E, inclusive, nenhum periódico pode noticiar algo que ainda não tenha saído no *Granma*. Sabe que esse jornal é o órgão da imprensa oficial do partido. Não se pode... não se pode.

Manolo trabalhou no Instituto Cubano de Radiodifusão, o ICR, e salienta como eram as reuniões de pauta do veículo:

– Em determinado ato político, quando terminavam todas as atividades e nos reuníamos, o chefe ordenava: ‘Isso se pode dizer, aquilo também e isso não se pode dizer’. Então, que *carajo* de democracia é essa? Nos jornais não publicam sobre as personalidades que vão embora do país. Isaac Delgado, importante músico cubano, há pouco foi embora. Isso não saiu em nenhum lugar, as pessoas se interam pelo boca a boca. A imprensa diz o que o governo quer que ela diga, senão não o diz.

– Qual é seu principal desacordo com esse sistema?

– O problema desse país é que é governado por um homem só, pelos caprichos de um homem só e o homem se equivoca como todos os outros. Quem fala mal do sistema desaparece. Você procura e não encontra. Então, enquanto neste país não se conquistar um governo eleito democraticamente, um grupo de pessoas para que haja uma discussão mais transparente dos problemas e cheguem a um consenso, continuará assim.

Conheço, também, a mulher de Manolo, a quem todos chamam carinhosamente de *Rosita*. Ela se aproxima e contribui com sua opinião:

– Aqui em Cuba passamos uma hora do dia pensando o que podemos criar para ganhar dinheiro e as outras vinte e três horas executando essas novas formas de ganhá-lo. É preciso dar presentinhos para as professoras e não para um bom ensino, porque isso já não presta como antes, mas porque as crianças são diferentes umas das outras. Uma pode ser mais introvertida, enquanto outras são mais desinibidas. Somos diferentes. Então, para que elas se sintam movidas a dar uma atenção especial aos alunos, para que os estimulem em sala de aula, temos de fazer isso.

Rosita ainda assegura que conheceu um caricaturista – funcionário de um periódico humorístico – que lhe confessou como

tinha de fazer se houvesse uma foto ou caricatura que o chefe considerasse subversiva. Ele era obrigado a tirá-la e encontrar algo do mesmo formato para que coubesse no espaço destinado ao material. Às vezes, colocava algo repetido e velho no lugar.

Quando voltamos à casa de Rosa, Manolo vem junto e Mayra chega em seguida. Enquanto a aniversariante prepara o almoço, ele liga o aparelho de som no último volume e dança salsa com outra vizinha, Haidé. Mayra me convida para comprar cerveja e Rosa acrescenta que precisa de cigarro. Ela gosta de fumar quando está entre amigos. Parece que sente prazer em expor sua cigarreira dourada em público e, esporadicamente, acha um charme fumar.

Rosa sorri e aconselha Mayra:

– Vai, deixa Manolo dar um beijo em seu peito e pede dinheiro para o cigarro.

A vizinha fica um pouco tímida por minha presença, mas quando eu finjo que nada ouvi, como uma tentativa de não influenciar sua atitude, ela abaixa e faz a alegria de Manolo. Todos riem. As meninas gostam de aproveitá-lo quando sua mulher não está por perto.

Assim que o almoço fica pronto, chega Janet e seu filho Alejandro. Apenas Haidé já havia almoçado e continua a dançar. Peguei meu prato e sentei no sofá, porque já não cabia mais ninguém na mesa de Rosa. Haidé se aproxima e começa a puxar assunto:

– Por que está aqui, Patrícia?

– Preciso escrever um livro sobre Cuba.

Alejandro almoçava ao meu lado e desabafa:

– Aqui tudo é ao revés, pirâmide invertida, sabe?

– Por quê?

E Haidé esclarece:

– Aqui, Patrícia, um médico ganha menos que um taxista e precisa depender do péssimo transporte público para operar seus pacientes. Supõe-se que um profissional desse, depois de tantos anos de estudo, tenha outro nível de vida, mas aqui não.

Alejandro ainda mostra insatisfação com outra regra do sistema:

– Terminei meu técnico médio em economia e agora preciso passar pelo serviço social. Se eu não trabalho durante três anos para a empresa decidida pelo Estado, meu título não é reconhecido. Se o tempo passa sem que eu tenha feito o serviço social e resolva procurar um emprego, o chefe olha o título e diz: ‘Ah! Mas, infelizmente, você não fez o serviço social’.

Então, Haidé comenta:

– É tudo de graça, mas entre aspas, porque depois você trabalha de graça para ter seu título reconhecido. No máximo ganha 12 pesos conversíveis, por mês, para trabalhar num ambiente estressante, quase todos os dias, sem suprir suas necessidades básicas. Em Cuba, a casa e o carro não podem ser vendidos. Sabia que, quando minha mãe precisou ser operada, tive de levar a lâmpada da sala de cirurgia e baldes para o banho da paciente?

Haidé continua nosso bate-papo e fala sobre um sorteio realizado pelos EUA. Para a participação neste sorteio, cubanos preenchem um questionário e o enviam pelo correio. O sorteado vai para os EUA, mas perde tudo o que tinha em Cuba. Não pode passar para a família ou vender, volta tudo para o Estado.

Quando eu vou à cozinha buscar água, Haidé me acompanha e sentença:

– Sabe que antes do peso conversível o que valia era o dólar. Esse *chavito* começou a circular há poucos anos porque Fidel quis desvalorizar o dinheiro americano. Mas o que passa é que ele não prejudica o Bush, prejudica a nós, que recebemos dólares enviados por nossa família de Miami e, ao trocarmos pelo *chavito*, deixamos boa parte para o governo.

Em 25 de outubro de 2004, Castro decretou que no lugar do dólar passaria a valer o peso conversível. A moeda americana não seria mais aceita em lojas, restaurantes, hotéis ou em qualquer outro lugar da ilha, restringindo-se apenas à manutenção de contas bancárias. A partir daquela data, todos que conseguissem as verdinhas, fossem turistas ou cubanos, teriam de trocá-las em casas de câmbio pelo peso conversível. Se no começo a troca era de igual para igual, quando estive em Cuba, 20% do dólar passou a ser perdido, ou melhor, retido nos bancos, no ato da troca.

– Tudo é em divisa. Você crê que alguém que ganha como nós pelo governo pode sair para se distrair, para comprar um par de sapatos, carne ou roupa? Porque aqui ganhamos papéis, tudo é título, mas não há um reconhecimento material. As vendedoras não trabalham por prazer. Às vezes, você vai às lojas e encontra duas vendedoras conversando e você lá, à espera de ser atendido.

Haidé pausa por um instante e tenta procurar as respostas para o que falava. Logo em seguida, continua:

– Sabe, se as vendedoras ganhassem uma comissão por cada peça que vendessem, um estímulo, elas fariam de tudo para lhe vender, ofereceriam as coisas. Mas assim, ninguém se esforça para

ser melhor. Penso que esse regime se mantém a base de temor, porque dinheiro é poder, então eles deixam todo mundo assim oprimido num mesmo patamar.

Haidé fala ao mesmo tempo em que força suas mãos para baixo como se estivesse empurrando algo em direção ao chão. Alejandro entra no meio da conversa e desafia:

– Pode ir de casa em casa e ver se as pessoas não querem sair daqui. Elas dirão: “Uh! Como tenho gana de sair”.

Voltamos ao sofá e China também entra na conversa:

– Em 2008 melhora!

Alejandro, virando-se para mim, enfatiza:

– Aqui sempre se diz que no próximo ano as coisas melhoram, no ano que vem vão dizer que será em 2009. E assim vai. Temos o costume de ter muita esperança.

Rosa China ganhou uma caixa de bombons da *Nestlé* do namorado de uma amiga dela. Quando os convidados viram, em clima de brincadeira, mas com o desejo explícito, todos a pressionaram para que abrisse o presente. Ela, então, passou, distribuindo um bombom a cada convidado. Mas isso não bastou para saciar a vontade de algo novo. Todos, portanto, decidem pela realização de um sorteio para os últimos chocolates. Janet é quem distribui pedaços de papel entre os presentes e, aqueles que pegassem o papel com a palavra *bombom* seriam os escolhidos. Restavam apenas três chocolates para oito participantes. Acabado o sorteio, Rosa, Haidé e Janet encontram os pedaços premiados.

Passada a brincadeira, Rosa toca no assunto do pregão matutino que ela havia me explicado ainda cedo. Alejandro comenta que no campo isso é muito mais comum. Afirma que tem uma tia em *Camaguey* e sempre que passa suas férias por lá acorda com um cara gritando: “Quem vai querer *mamãozito*?”. Mayra, então, recorda-se de ter lido em algum papel colado na porta de uma casa a seguinte sentença: “Não compro nada e não vendo nada. Não me molestem”.

Nesse momento, Alex avalia, entre todos os presentes:

– Diga em seu livro como os cubanos te converteram num muro de lamentações.

Diante de mim, todos tinham feito um semicírculo. Não pararam de se lamentar, como Alex havia dito, e era como se depositassem as esperanças, por vezes adormecidas, em alguém que somente ouvia tudo com atenção. De concreto, eu tinha apenas a certeza de que nada poderia fazer, a não ser tentar transformar em palavras como alguns cubanos fazem para conseguir o amargo pão

de cada dia. Numa tentativa sem fim de manter a alma alegre, quando o momento é de desespero.

Um dos lugares mais bem cuidados, de belos monumentos e de uso exclusivo dos cubanos é o Cemitério Cristóbal Colón (nome de Cristóvão Colombo no idioma de Cervantes). Apesar de melancólico, tudo está sempre em bom estado. Um mármore que reflete a abundância dos que puderam arquitetar com tal material a nova casa de seus entes queridos.

Faltava pouco para o fim da viagem e decido conhecer os monumentos tão comentados de um ponto turístico um tanto quanto sombrio. Na ida ao cemitério, é Ale, o filho de Janet conhecido no aniversário de China, quem me acompanha. Pelo caminho, comenta um fato peculiar, daqueles que só mesmo dizendo que aconteceu em Cuba para acreditar que realmente existiu:

– Conheceu o cemitério de *Pinar del Río*?

– Não, por quê? É mais bonito?

– Não, porque lá, já faz um tempo, havia uma frase como se fosse de autoria dos mortos, pichada nos muros do cemitério, que dizia assim: “Aqui somos mais felizes”.

– Sério?

– É verdade. Mas mandaram apagá-la porque não havia lógica que estivesse em um cemitério.

Tornava-se cada vez mais lógico, para mim, encontrar uma frase destas em um cemitério de Cuba: um lugar preservado onde não fosse mais preciso viver no sufoco da vida por debaixo dos panos. É certo que o ambiente não deixava de ser contraditório, já que tamanho requinte não combinava com a vida da maior parte dos cubanos.

Ale esclarece que quando alguém morre em seu país, quase todo o ritual fica por conta dos familiares: coroa de flores – estas podem ser compradas em moeda nacional e em divisa – e o túmulo. Não pensem que toda a beleza dos sepulcros seja garantida por subsídio estatal. Edília, minha primeira entrevistada, é quem informa:

– Isso é particular.

A sepultura tem seu valor na casa dos milhares e em CUC. Geralmente, são mausoléus herdados de famílias que construíram antes da revolução. E aos que não podem bancar esse luxo? Existem as tumbas coletivas, mais usuais, segundo Erodys, um bailarino de Havana.

Penso em tudo isso e tento elaborar o que acontece quando tem fim a vida de um cubano: o Estado, que provia tudo, agora passa a não prover nada – com exceção do caixão e das tumbas coletivas. No entanto, também para o usufruto destas, o valor de um aluguel é cobrado em moeda nacional – a locação das casas que a revolução deixou de cobrar em vida volta a ser cobrada para a morada da morte. Cubanos mortos não servem mais ao Estado e vice-versa. A família é quem deve prover. É como se na hora da morte selassem um pacto: o governo que sempre esteve em cena sai da jogada, para que os mortos descansem em paz.

Na volta do passeio conheci a escola de Ale. Ele acabou de terminar o nível equivalente ao colegial e precisava pegar alguns documentos. O colégio estava aos pedaços: janelas partidas e repletas de pichações. Passamos diante do banheiro masculino e o cheiro de urina impregnava todo o corredor. Vejo um *maestro* emergente com um controle na mão. Ale explica que o amigo estava em plena teleclasse. Toda a secundária, como já havia esclarecido o historiador Elias, agora é assim e ministrada por um só professor.

– Isso qualquer um pode fazer, todo mundo pode ser professor, porque apenas é preciso que saiba mexer no vídeo. Caso o aluno tenha dúvidas e pergunte: “professor, não entendi”, o mestre volta na parte em que o aluno disse não ter entendido e aperta o *play*. Depois, limita-se a dizer: “viste?” Apenas isso, não tira mais dúvidas.

Alejandro também confessou ter presenteado professores com a intenção de vir com boas notas:

– Umas duas ou três vezes, somente. Uma vez, entreguei uma garrafa de óleo, nas outras foram latas de molho de tomate.

Deixamos a escola e Ale compra duas caixinhas de suco para nós. Quando percebe que ainda segurava o produto vazio, ri e, meio descrente, pergunta:

– Por que não disse antes? Pensei que estivesse cheia. Procurava algum cesto de lixo? Por aqui, não se preocupe, não vai encontrar. Jogamos aqui mesmo. Além disso, essa é uma das baías mais sujas. Todo o lixo dos hotéis desemboca nela, poderia desembocar mais adiante para que não fôssemos obrigados a sentir tudo isso, mas também, é água do mar, que vai e volta. Logo leva tudo.

Andávamos pelo Malecón e era real a falta de um cesto de lixo por todo aquele calçadão movimentado. Quando saímos da padaria, Ale também jogou uma sacola na entrada do

estabelecimento. Na despedida, graças à minha vontade em conhecer um presídio, ele encerra com mais um de seus casos sobre Cuba:

– Acho difícil você entrar em algum, mas sabe que tenho um amigo preso?

– É mesmo? Por quê?

– Você já deve saber que não podemos alugar quartos de hotéis.

– Sei.

– Mas talvez o que você não saiba é que temos direito de alugar para a lua-de-mel. Somente assim podemos.

– Sério?

– Esse meu amigo, o que fez foi casar e se divorciar por várias vezes consecutivas, a fim de usufruir desse benefício. Até que começaram a desconfiar e ele foi preso.

Já era noite quando recebi o telefonema de Renato – o bailarino brasileiro que me explicou sobre o iogurte de soja – convidando-me para conhecer sua casa e seu namorado. O endereço ficava perto da casa de Rosa. Era um prédio transformado em cortiço. Dentro, porém, o apartamento estava impecável. Uma opção delicada de Carlos explica tudo: deixou de ser médico para trabalhar como gerente de um bar em divisa. Renato detalha que seu namorado chega a ganhar quinhentos pesos conversíveis ao mês.

Logo no começo da conversa, Carlos pede para que eu não grave nada. Em tom de brincadeira, mas sem deixar de mostrar que falava sério, diz que se alguém do partido bater à sua porta por causa do nosso bate-papo, dirá que não conhece e nunca viu Patrícia nenhuma. Por isso, uso um nome fictício a fim de preservar a identidade do novo interlocutor.

– É verdade que aqui em Cuba os intelectuais estão controlados?

– Quando a revolução triunfou, os intelectuais, comunistas ou não, eram reconhecidos pelo governo e também eles apoiavam e viam com bons olhos a revolução, devido às repressões e atrocidades cometidas pela ditadura de Batista. Seus escritos, enfim, não entravam em conflito com o que o novo governo permitia. Porém, quando começaram a romper com isso, a contestar, a refletir sobre as coisas que não andavam bem em Cuba, Fidel reuniu todos os intelectuais.

– Uma reunião?

– Isso. Esse encontro foi no ano de 1961, na Biblioteca Nacional, onde Fidel ordenou: “com a revolução, todos, fora da

revolução, nada”. Na época, a revolução ainda era muito jovem, mas já de caráter ditatorial. Vigílio Pinheiro – quem introduz a modernidade do teatro em Cuba – pediu a palavra a Fidel e disse somente isso: “com sua licença, comandante, mas queria dizer que tenho medo. Tenho medo de tudo isso”. E, assim, continua: quem escreve como ordena a cartilha da revolução é reconhecido, quem não escreve, é perseguido.

– Mas desde o início do processo revolucionário já havia censura desse tipo?

Carlos e Renato prepararam um jantar para mim, ao qual Suma, uma amiga cubana do casal, também estava presente. Para responder à minha pergunta, os dois cubanos rememoram fatos obscuros dos primeiros passos da revolução. Afirmam que perdia o trabalho quem mantivesse contato com a família de Miami. Havia um registro utilizado pelas empresas, cujo preenchimento era obrigatório. Nele constavam os seguintes dados: tem família no estrangeiro? Onde? Mantém contato com eles? A marcação era cerrada em relação a isso.

Depois, no período especial, comentam que Fidel anunciou: “a família precisa se encontrar, somos todos cubanos, os EUA não podem proibir”. Suma ainda argumenta que o governo sempre se justifica transferindo a culpa para os EUA e seu bloqueio. E Carlos revela:

– Os cubanos que voltavam para visitar os familiares eram bem recebidos pelas verdinhas que traziam para o país. Quando saíram, receberam ovos, foram xingados pelos trabalhadores das empresas, os quais, no fundo, não passavam de vítimas incentivadas pelo sistema. Quanto àqueles que deixavam o país sem despedida, os colegas de trabalho se dirigiam até a mesa da pessoa, punham a foto dela, faziam um motim, tachavam-na de traidora, mercenária e, para finalizar tamanha revolta, atiravam ovos. Isso lhe digo porque minha mãe foi obrigada a fazer tudo isso. Sentia-se uma louca.

Porém, quando algum traidor da pátria regressava, comprava caixas de ovos com seus dólares e batia de porta em porta nas casas daqueles que empreenderam todas aquelas humilhações. Depois, revidava: “olha, vocês jogaram uma caixa de ovos em mim quando fui, mas eu quero dar a vocês porque sei como *no es fácil*”.

– Uma cubana me contou que os pacientes precisam levar a lâmpada da sala cirúrgica e os baldes para o banho quando passam por alguma operação. É assim?

– Bem, às vezes, até os lençóis são necessários. Os serviços nos hospitais e clínicas costumam ser péssimos. Uma pessoa pode estar em um hospital até oito horas esperando pela atenção de um médico ou também pode morrer por falta de medicamentos.

Carlos acrescenta que outro grande problema é a impossibilidade de fazer um tratamento médico com remédios específicos, que freqüentemente não são encontrados no país. Muitas vezes são destinados a programas de caráter publicitário, ainda que sejam medicamentos comprados com o dinheiro do povo, para as cruzadas pró-comunistas, tendo como única intenção aquela de expandir o ideário marxista a outros povos da América Latina. E alega:

– É onde nós, cubanos, dizemos: “atenção, muito cuidado!” Porque os políticos e a política nunca têm deixado de ser um grupo de prestidigitadores ideológicos, ou seja, de mentirosos sem escrúpulos.

Em seguida, Suma complementa com exemplos do ensino:

– Na educação também existe todo um mecanismo publicitário encarregado de fabricar uma imagem que não é real. Em nosso país a educação costuma ser muito precária porque, além de não haver uma estrutura adequada, contam com programas pedagógicos desenhados para organizar uma consciência totalitária e pró-comunista, o que significa que a maioria dos cubanos desconhece a história de Cuba em toda sua extensão por estar programada somente para conhecer sobre os feitos históricos que de alguma maneira sucederam em nosso país ao redor do movimento esquerdista. Os êxitos e conquistas da direita não são do conhecimento das novas gerações.

Segundo Carlos, é importante que se tenha em conta a contestação de José Martí sobre os escritos de Marx. Conta que nela, Martí expõe a necessidade de se tomar cuidado com os rumos do socialismo, pois este caminho, segundo já alertava o poeta cubano, poderia levar a uma autocracia. Esta contestação pertence a um capítulo proibido pela revolução cubana. Carlos apenas tomou conhecimento porque tem uma tia que havia comprado todos os tomos, a coleção completa de Martí, antes de 1959. Ele também assinala que Cuba tem um sistema autocrático e conclui, tendo como base as experiências vividas em Havana e seus estudos sobre os outros países, que a ditadura de esquerda é pior porque investe na propaganda externa e não no desenvolvimento interno, como foi mais representativo nas ditaduras militares. Frisa que se refere mais

ao que diz respeito ao progresso, não à comparação entre as atrocidades cometidas pelos diversos exemplos de ditadura.

Quando o jantar já estava na mesa, o assunto política ganha tons de piada. O ex-médico é quem começa:

– Minha falecida avó dizia: “comentam que o bom desse sistema é que a saúde e a educação são de graça, mas, afinal, não podemos viver a vida inteira enfermos e estudando”.

Carlos faz uma pausa para as gargalhadas e arremata:

– É melhor que não precisemos recorrer a um hospital constantemente para viver, senão seríamos uma espécie de comunidade de hipocondríacos. É como a água: não é boa, mas, por fim, tratam de graça a diarreia!

Depois, apontando para a amiga, ele relata:

– Veja Suma, uma curadora do museu de Belas Artes que, para conquistar esse cargo, precisa ser muito intelectual. Pois ela juntou, por mês, no ano passado, 20 pesos cubanos para chegar ao fim do ano e ter o direito de comer boas comidas.

Suma ri e confessa:

– Meu marido me disse: “deixou que eu passasse fome o ano inteiro para comer tudo o que tive vontade em um dia”.

E Carlos:

– Esse é um feito raro em Cuba. Ganhamos e logo precisamos gastar nas necessidades básicas, não há tempo para juntar.

Os dois amigos ainda salientam outra situação crítica: a irrefreável escalada de perda de talentos devido aos salários muito baixos pagos pelo Estado (aproximadamente 10 ou 15 dólares mensais). Essa situação tem trazido como consequência que muitos engenheiros, médicos, e professores – profissionais em geral – abandonem seus trabalhos com o governo para trabalhar no setor de serviços, em que podem conseguir melhores resultados financeiros. Mas, em contrapartida, essas pessoas não utilizam sua inteligência em função do desenvolvimento econômico e tecnológico do país. Além de cessarem o próprio desenvolvimento intelectual. Há, enfim, uma catastrófica perda de valores. A curadora do Museu de Belas Artes de Havana exemplifica:

– Antes, as crianças e adolescentes cresciam querendo ser professores, médicos, engenheiros. Agora eu pergunto aos alunos que visitam o museu: “o que você tem vontade de fazer quando terminar o colegial?” E muitos respondem: “Ah! Eu quero ser camareira, para trabalhar naqueles hotéis e ganhar dinheiro com os

turistas” Ou, no caso dos meninos, a profissão de taxista. Não quero, com isso, desmerecer essas funções. O problema é saber que desde pequenos já precisam deixar em segundo plano os estudos, a fim de investir no concorrido mercado de trabalho que envolve o turismo.

Renato também comenta que muitos bailarinos decidem seguir a profissão pela oportunidade de uma carreira em que possam viajar. Além da outra vantagem de receber, em turnês, trinta euros diários.

Carlos ainda chama atenção para outra conseqüência delicada referente às atitudes dos cubanos como tentativa de melhorar suas vidas:

– Também temos o problema das correntes migratórias que, a cada dia, nos deixam sem inteligência: aqueles que não querem viver em um constante estado de caos e carências materiais, deixando, assim, traumáticas experiências de separação de famílias. É muito fácil encontrar, por exemplo, filhos que não têm pais ou mães porque emigraram aos Estados Unidos, com o único objetivo de ajudar à família que deixaram. Essa situação se complica quando levamos em conta a terrível relação diplomática que temos com o governo norte-americano. O que faz com que os reencontros sejam muito limitados. Já temos todas as gerações que emigraram. Pais separados de filhos e os primeiros achando que logo voltariam, mas isto nunca ocorreu. Quando as outras gerações foram se encontrar com a parte da família que tinha ido antes, já não eram mais famílias, viam-se como estranhos.

Dirigindo-me a Renato, concluo:

– Penso que tudo se explica, ou melhor, torna-se inexplicável pelo modo como o povo tem de lidar com as duas moedas.

– É uma grande loucura porque se entende que o CUC deveria ser uma moeda só para os turistas. Mas essa não é a verdade. O que acontece aqui é que todos buscam uma maneira de conseguir o peso conversível para poder sobreviver, não é nem questão de luxo, é preciso.

– Mas como ninguém se revolta?

– Veja que interessante: praticamente 100% da população está envolvida com o mercado negro como algo tão natural que as pessoas chegam a chamar "*venta por la libre*". Mas quando o governo decide que alguém é daninho à saúde do sistema, quero dizer, quando algum habitante deste país surge com alguma suposta ameaça ao sistema ou, simplesmente, quando o governo necessita

amedrontar a população para mostrar seu poder e assim reduzir o ânimo das massas de uma consciência contra-revolucionária (embora revolucionária contra o sistema instalado), nada mais fácil que encontrar motivos e provas suficientes para acusar alguém, pois, com o mercado negro, todos estão contra as leis escritas, praticando ações anti-revolucionárias. Em minha opinião, depois que percebi o jogo, digo com sinceridade que esse é o mais perverso sistema de controle das massas, enfim, de um povo em geral.

Reflito sobre a fala de Renato e a conclusão é desesperadora: o governo é amparado pela lei para permitir que a ilegalidade perdure até o ponto em que ela não ouse atrapalhar seus planos de permanência no poder.

Carlos, que escutava tudo com atenção, aposta em esclarecer com mais exemplos:

– Veja como: caso você grite algo contra o sistema, os burocratas dizem: “Ah! Você aluga quartos e não tem permissão? Você vende aquilo e não tem permissão? Mercado negro é proibido!” Então, todo mundo fica calado e segue lutando. É como se o mercado negro fosse esperado pelo governo, sabido por este e, sem embargo, as leis o protegem de possíveis subversões, mantendo tudo como está.

Renato toma de novo a palavra e finaliza:

– Você deve estar se perguntando: "mas, mesmo assim, porque esse tipo de venda é tão explícito, inclusive para as autoridades, se isso deveria ser algo por debaixo dos panos?" Além do poder adquirido pelo Estado, que anteriormente comentamos, também a miséria, a falta de alimento e a desordem são tão intensas que não há mais como impedir tal mercado. O próprio governo tem consciência que essa é a única maneira de preservar esse sistema nas condições atuais que o país vive desde a queda do socialismo na Rússia.

Suma, antes de despedir-se, conta sobre o que chamam de *jineteros* e *jineteras* em Cuba:

– Sem contar no infinito jogo da sedução, dos *jineteros* e *jineteras*, da prostituição em todos os níveis. Ao final, todos estão por detrás de alguma coisa, fazendo algo para ganhar algum dinheiro. Assim chego à conclusão de que o povo cubano vive numa constante dissimulação diante da vida cotidiana, diante dos valores mais simples. Imagina o que isso pode acarretar quando pensamos que toda uma sociedade vive assim e que as novas gerações de cubanos estão nascendo e sendo educadas sobre essas bases?

Foi no livro *Habana Babilonia*, de Ami Valle, que consegui encontrar o significado da palavra *jinetera*. De acordo com a citação abaixo, retirada da obra:

*“Em Cuba se chama jinetera a mulher (geralmente de idades que oscilam entre 13 e 30 anos) que vende seu corpo ao turista em troca de algum benefício. É uma versão tropical, caribenha e cubana da prostituta de outros países. A palavra provém da inventiva natural do cubano e seu sentido de humor: durante as guerras de libertação contra o domínio colonial espanhol, os independentistas cubanos (mambises) se lançavam contra os batalhões de soldados espanhóis em ataques de cavalaria para ganhar a batalha ao fio do machete; na Cuba da década de 90, as mulheres cubanas se lançam contra os turistas para ganhar a vida com suas antiqüíssimas artes do prazer, tão eficazes para a vitória como o fio de qualquer machete mambí. Os mambises eram jineteros (cavaleiros) que lutavam por sua liberdade. Elas, hoje, dizem os brincalhões na ilha, são jineteras que aspiram à liberdade que oferece o poder do dólar. Com o decorrer de mais de uma década desde o surgimento desse novo surto de prostituição em escala nacional, o termo jineteros começou a ser utilizado também para todos os que intentam obter dividendos na complicada trama do comércio sexual, do narcotráfico e do mercado negro”.*

Tanta informação fez o tempo passar sem que nos déssemos conta. Carlos pondera que o melhor a fazer era eu aceitar o sofá-cama da sala para dormir. De boa noite, lança mais uma frase típica dos cubanos:

– Sabe o que acontece nesse país? O problema é que não adianta ter pão sem liberdade porque esse pão passa a ser muito amargo.



“Nem tu o entendes, nem eu, tampouco”

No dia 15 de fevereiro de 2007, véspera de meu retorno ao Brasil, consigo marcar o reencontro com a socióloga cubana. Às quatro da tarde, Mayra estaria à minha espera.

Sua casa fica no *Reparto Santa Catarina*, próximo ao bairro *Cerro*, mas um pouco distante da região central onde eu estava. Decido ir a pé, apostando que não fosse muito longe. Com a intenção de me certificar se a direção escolhida era a correta, pergunto a um menino que caminhava ao meu lado. Chamava-se Kadril e tinha 26 anos. Diz que seguiria para o mesmo lugar, mas que estava longe à beça.

– Não tem problema.

– É argentina?

– Não, brasileira.

– Nossa! Assistiu a *Senhora do destino*? É a novela que passa agora.

– Assisti, sim. Você gosta?

– Se eu gosto? Nós, cubanos, adoramos as novelas brasileiras.

Quando conto a Kadril que sou estudante de jornalismo, ele comenta que também sua irmã faz esse curso na *Faculdade de Prensa Latina*, em Havana. Fala que ela é muito inteligente e resolveu entrar nessa faculdade, pois era a única maneira de trabalhar com assuntos internacionais, com a intenção de conquistar o posto de correspondente internacional para, enfim, realizar o sonho de conhecer outros países. Esclarece, ainda, que as coisas foram facilitadas, no caso dela, para o ingresso naquela instituição, por ser uma ‘trabalhadora social’ (curso criado pelo programa *Batalha de Idéias*, citado no primeiro capítulo). O curso consiste em preparar pessoas, durante um ano, para identificar e tentar solucionar as dificuldades dos casos que chegam até eles – em geral, via CDR. Em conversas que tive com alguns trabalhadores sociais, pude perceber que esses profissionais também servem como um aparato de defesa da revolução, já que muitos dos atendidos pelo programa não participam de atividades políticas. A função do profissional é justamente compreender o porquê da “rebeldia” e a partir de então tentar convencê-los da importância em participar. Sobre os benefícios obtidos pelos trabalhadores sociais, Kadril assinala:

– Sabe que quando terminamos o colegial, às vezes, há apenas uma vaga por escola para a carreira universitária que o aluno

deseje prestar? Por isso, quem resolve fazer o curso e exercer a função de um trabalhador social tem seu lugar garantido na faculdade de seu interesse.

– Em qualquer universidade?

– Na verdade, há outro programa, dentro da campanha *Batalha de Idéias*, qualificado de universalização do ensino. Isso nada mais é do que expandir a universidade para mais municípios, mas, em contrapartida, são estudos dirigidos, em que a função dos professores praticamente se restringe a indicar os caminhos que os alunos devem seguir para entender as matérias ministradas. As aulas não são diárias, no máximo, duas vezes por semana. Por isso, os cursos presentes nesse programa são em sua maioria teóricos, aqueles que não necessitam do uso freqüente de laboratórios ou de aulas práticas. O bom é que os alunos também recebem o diploma da *Faculdade de Havana*, não da sede municipal, onde o formando estudou.

Atualmente, Kadril faz um curso de doceiro, com o intuito de trabalhar em alguma padaria que venda em divisa. De vez em quando, somente em períodos de muito movimento, afirma que, um amigo seu, gerente de uma *cafeteria*, deixa que ele trabalhe no estabelecimento. Para sobreviver, realiza ainda outros bicos, como a compra de carne diretamente com os camponeses para depois revendê-la na capital.

– Em Cuba um ajuda o outro. Mas sabe que aqueles que vão para outros países esquecem-se dos cubanos que continuam aqui?

A casa de Mayra é muito espaçosa. Segundo a socióloga, terminou de ser construída em 1959 – ano do triunfo da revolução. A ante-sala divide espaço com um jardim de inverno. Os móveis não são nada modestos. O que ajuda a caracterizar esse lar como sendo de um cubano são os baldes colocados embaixo da pia da cozinha e do tanque da área de serviço, evidenciando, também ali, a dificuldade com o abastecimento de água. Quando cheguei, também estavam presentes o marido, o irmão e a mãe de Mayra.

A socióloga consegue vir sempre ao Brasil por *carta de invitación*. Começou a vir para apresentar seus estudos em congressos que envolvem temas sociais. Sobre o problema da água, esclarece:

– Os tubos são muito antigos e necessitam de reparos. O governo já destina um dinheiro para isso, mas não é o suficiente. Há muito o que fazer nessa área. Antes do período especial, a água era de melhor qualidade e não faltava como agora, devido ao desgaste

dos tubos e, portanto, a entrada de mais impurezas. O problema é que perde-se muita água por causa do estado de toda a estrutura responsável pelo abastecimento.

Comenta que ninguém tem o costume de ter filtro em casa, pois esses aparelhos são muito caros. E assegura que a água é boa: “ainda que às vezes falte, sempre passa por um tratamento”. Antes dos anos noventa, garante que a qualidade de vida – conquistada, para muitos, graças ao triunfo da Revolução – era melhor. A *libreta* era quase suficiente e podia-se falar em uma cesta básica mensal. Até um par de sapatos, por ano, estava incluso. Simples e padronizado, porém garantido.

– As coisas compradas fora da *libreta* representavam opções para sair do básico. Funcionavam como uma busca de produtos com melhor qualidade, garantidos pelo tradicional mercado negro. Os marinheiros eram os intermediários. Tinham comércio em Cuba e traziam coisas para revender de outros países. Agora, a participação no comércio subterrâneo virou uma questão de necessidade. E com a circulação de duas moedas esse processo se intensifica, pois faz crescer a dependência da bolsa negra.

– E explicam a vocês o porquê da proibição de cubanos em alguns lugares da ilha?

– Isso eu não entendo e tampouco me convencem com as explicações dadas. Dizem que é porque esses lugares, como *Cayo Coco* e *Cayo Largo*, são utilizados dentro de um pacote turístico e as pessoas usam pulseiras para circular em todos esses ambientes. Então, seria uma confusão se os cubanos estivessem juntos e sem pulseiras. Outros disseram que é para não mostrar uma desigualdade de forma tão explícita, mas isso também não engana. O próprio governo iria lucrar com isso, pois se há cubanos que podem pagar, por que não deixá-los? E, de certa forma, é reconhecer que há desigualdades no país, que não é um sistema igualitário. No fundo, são lugares voltados para o turismo.

Mayra conclui que para o cubano é muito difícil aceitar isso, porque ele aprende desde pequeno, principalmente quando a indústria do turismo não era tão forte, que tem acesso a tudo. Agora, confessa que passou a ser comum ouvir o seguinte desabafo: “*Se hay algo, como no me toca?*”.

Na volta, resolvo pegar um táxi para turistas. Afinal, era o único meio de transporte que ainda não havia utilizado em Cuba. Logo de cara, sou mais uma vítima dos truques com o taxímetro.

– Tem taxímetro?

– Tem, mas vai gastar mais com ele ligado do que assim. Até lá são sete pesos conversíveis, já com o taxímetro seria muito mais.

Minutos depois, minha suspeita de que o taxista havia cobrado um valor mais alto que o comum seria confirmada por Rosa, que se espanta e acredita que, para o percurso realizado, o aparelho iria marcar, no máximo, quatro *chavitos*. Certamente, eu não seria a primeira nem a última a ser enganada e, agindo assim, imagino que ele apenas tentasse transferir aquilo que deveria ser de responsabilidade do Estado – pagar um salário justo – para seus clientes.

No táxi, para variar, meu assunto era a vida em Cuba. Sobre a saúde, ele comenta:

– A saúde não é paga, mas se paga para tê-la.

– Às vezes, sinto que preciso tomar cuidado para não molestar os cubanos com tantas perguntas. Tanta curiosidade de minha parte.

– É verdade. Sabe o que acontece? É muito tedioso para nós tocar nesse assunto, sabemos que vocês não perguntam por mal, que têm curiosidade, mas o grande problema é que são perguntas para as quais não temos respostas.

Em Cuba, Antonio era só mais um ex-engenheiro que havia conquistado, como taxista, sua fatia do desejado bolo que é o turismo para este país. Ele complementa:

– Costumo dizer aos que me perguntam sobre a vida em Cuba para que apliquem a antilógica. Tudo o que você aprendeu ser o correto em seu país, aqui será o oposto. Se buscas a via da lógica para compreender esse sistema, ficarás louca, não a procure e terá uma noção de como vivemos.

– Ah! Não se preocupe comigo porque também em minha terrinha tudo está longe de ter coerência. Acho que se refere aos europeus, mas também lá eles têm suas contradições. Em política nada é muito coerente.

– Menina, venha à Cuba para desfrutá-la, senão ficarás louca. O que existe aqui é a tripla moral: eu penso uma coisa, lhe digo outra e faço ainda outra.

Aconselhou-me a não namorar cubanos porque eles dariam um jeito de me prender de tal maneira que eu não poderia mais sair de Cuba.

– Um amigo estrangeiro me diz que em seu país ter educação é alcançar a liberdade. Que quanto mais se estuda, mais

livre alguém pode se tornar. Afinal, para isso deve servir o estudo: para não ser facilmente manipulado e saber o que diz. Mas aqui não, aqui você estuda e continua preso.

Antônio chega ao meu destino em *Centro-Habana* e, aos risos, arremata:

– Este é o país do Orinoco, nem tu o entendes, nem eu, tampouco.

